

Correio das Artes

Suplemento
literário do
Jornal A União

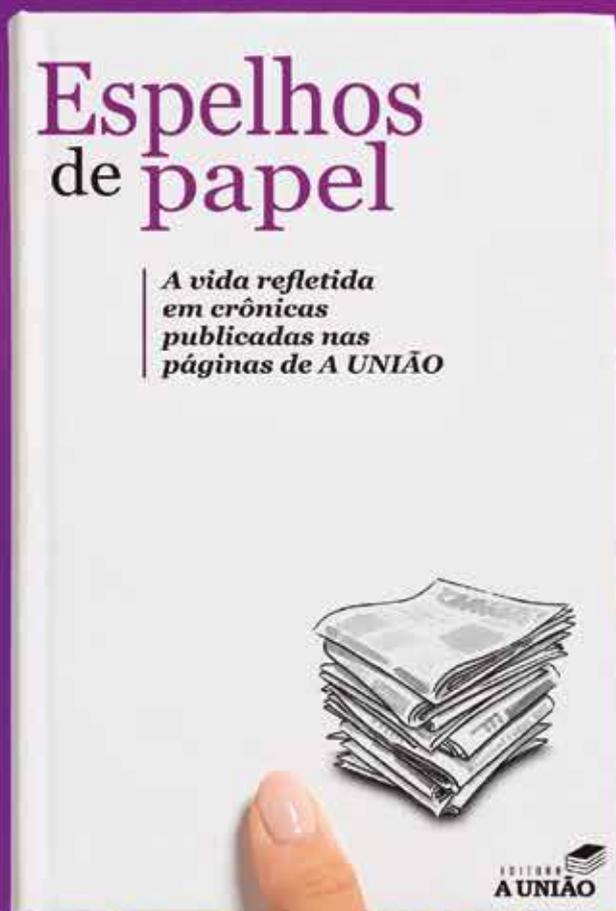
Novembro - 2021
Ano LXXI - Nº 9
R\$ 9,00



Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 9,00

Fest Aruanda celebra **Othon Bastos**

Em entrevista exclusiva, ator com quase
90 anos de idade e 60 de carreira declara:
"Quero estar vivo! Não me interessa a posteridade"



Livro que retrata a vida refletida em crônicas publicadas nas páginas de A União. Produzido com a participação dos cronistas do jornal.

R\$30,00

Locais de Venda:

- Editora A União (3218-6500)
- Rádio Tabajara (83 9105-5864)
- Sebo Cultural (3222-4438)
- Livraria do Luiz (3576-5573)
(99317-6944)

AUNIÃO

EDITORA
AUNIÃO

EPC
EMPRESA PARAIBANA
DE COMUNICAÇÃO

Festival em movimento

Imagem em movimento. Eis, pois, o conceito sucinto e certo de que é cinema. Cinema que projeta sonhos e fantasias, que faz rir ou chorar, e que forma e informa. Cinema que reflete a vida real, ou não. Passado, presente e futuro em meio a histórias de amor, ódio, suspense, terror e até "terror". O mundo do cinema é, de fato, um mundo.

De pé, firme e forte desde 2005, o Fest Aruanda do Audiovisual Brasileiro se constitui como o principal evento do gênero na Paraíba. Não é o único, mas é o mais prestigiado por realizadores e artistas de todo o país, que vêm a João Pessoa emprestar brilho e glamour a essa grande festa do cinema que, a partir da Paraíba, de seus realizadores e realizações, ecoa para o resto do mundo.

Após uma edição, a 15ª, on-line, em função da pandemia de covid-19, o Fest Aruanda retoma suas concorridas apresentações presenciais no lugar que lhe é devido: a sala de cinema. Mas continua on-line com algo muito

De pé, firme e forte desde 2005, o Fest Aruanda do Audiovisual Brasileiro se constitui como o principal evento do gênero na Paraíba

valioso para quem deseja mergulhar de cabeça no universo da Sétima Arte: as mesas, oficinas e palestras.

Ancorado em efemérides, o 16º Fest Aruanda celebra a memória do cinema brasileira como forma de lembrar, refletir e realçar obras e nomes influentes

e marcantes do gênero, e que continuarão relevantes por muito tempo. É assim que o evento celebra a arte de Othon Bastos, que concedeu uma entrevista exclusiva para o Correio das Artes.

E não apenas isso. W.J. Solha - nossa capa de setembro - também será lembrado, assim como a montadora Cristina Amaral, uma mulher em um meio predominantemente masculino; o renomado maestro José Siqueira e o jovem realizador Ely Marques, uma das mais de 600 mil vítimas fatais da covid-19 no Brasil.

Nas próximas páginas, o leitor conhecerá um pouco da 16ª edição do Fest Aruanda, que tem início no dia 9 de dezembro, assim como sua programação completa, que vai até o dia 15 do último mês do ano, exibindo, na tela grande, sonhos em forma de imagens em movimento.

Boa leitura!

O editor
editor.correiodasartes@gmail.com

índice



MAIS AUDIOVISUAL

Realizada na fazenda de Ariano Suassuna, Mostra Acauã completa dez anos estimulando e divulgando a produção de filmes do interior do Nordeste.



AO RÉ S DA PÁGINA

Em sua coluna, o escritor Tiago Germano relaciona esporte e arte, investigando onde termina a técnica e começa o talento.



LITERATURA

Estreia no romance do escritor Antônio Mariano, 'Entrevamento' é dissecado pelo crítico de literatura Hildeberto Barbosa Filho.



ANÁLISE

Até onde a ficção distópica reflete a realidade? É sob essa luz que o jornalista Clóvis Roberto avalia dois clássicos de George Orwell.



OUVIDORIA:
99143-6762



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

Correio das Artes
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA
EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sérgio de Azevedo
DIAGRAMAÇÃO
Domingos Sávio
ARTE DA CAPA

Othon Bastos na Terra do Sol

HOMENAGEADO PELO FEST ARUANDA 2021, ATOR
FALA SOBRE PRODUÇÃO DA NETFLIX, POLÍTICA,
GLAUBER ROCHA, DITADURA MILITAR E SUA
PAIXÃO POR POETAS PARAIBANOS

Jãmarrí Nogueira

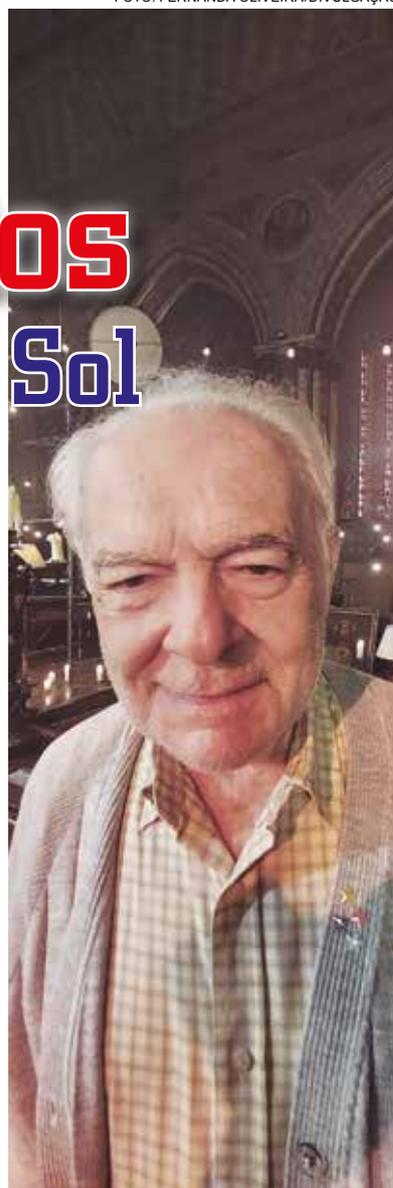
Especial para o *Correio das Artes*

N

o começo da década de 1940, na cidade de Tucano (BA), o comerciante e poeta bissexto Mario Bastos declamava um poeta paraibano no alpendre de sua fazenda. Família reunida para ouvir versos tão íntimos... Em meio à toda aquela gente, uma criança ainda miúda de idade prestava uma atenção danada àquelas rimas tão incomuns e às palavras tão difíceis de entender. Sabia, porém, que a poética que recheava aqueles versos acendia nele a centelha do “ser artista”... O poeta paraibano era Augusto dos Anjos. A criança, Othon Bastos.

“Sou apaixonado por Augusto dos Anjos desde os 10 anos de idade. Meu pai declamava os versos para a gente”, disse Othon, artista que será homenageado na 16ª edição do Fest Aruanda do Audiovisual Brasileiro, de 9 a 15 de dezembro deste ano, em João Pessoa. Não à toa, Othon gravou um disco declamando poemas do paraibano. E Augusto não é o único poeta paraibano admirado por Othon. Ele menciona João Paraibano como “maior poeta do mundo” e “deus”! E ainda declama um trecho de um verso de João: “Vi o açude secando com três rachões na parede. Vi as abelhas no velório de uma flor que morreu de sede”.

Othon está perto de festejar 90 anos de idade. Nascido a 23 de maio de 1933, o artista só foi registrado um ano depois. Era comum isso acontecer no interior do país. A carreira do filho de dona Carmita Martins de Almeida (da família do senador Teotônio Martins de Almeida e a quem Othon perdeu ainda muito menino) teria início no teatro, pouco menos de duas décadas mais tarde. E a partir dos anos 1960, ele se tornaria uma referência internacional, devido às atuações em filmes dirigidos pelo também baiano Glauber Rocha: *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964) e *O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro* (1969).



Baiano de Tucano, Othon Bastos terá seus 60 anos de carreira celebrados no Fest Aruanda, em João Pessoa

Augusto dos Anjos não é o único poeta paraibano admirado por Othon. Ele menciona João Paraibano como “maior poeta do mundo” e “deus”!

▶ O ator baiano também atuou em outros filmes de projeção nacional, como *O Pagador de Promessas* (1962), de Anselmo Duarte, *Conterrâneos Velhos de Guerra*, do paraibano Vladimir de Carvalho, e *Central do Brasil* (1998), de Walter Salles. No cinema, destaque ainda para suas atuações em *São Bernardo* (1972), de Leon Hirszman, *O Homem do Pau-Brasil* (1981), de Joaquim Pedro de Andrade, *Abril Despedaçado* (2001), de Walter Salles, e *O Paciente – O Caso Tancredo Neves* (2018), de Sérgio Rezende.

A lista tem cerca de 80 filmes. O mais recente ainda está sendo gravado e representa a estreia de Othon em uma produção exclusiva para a plataforma Netflix, com gravações em São Paulo: *Depois do Universo*, com roteiro e direção de Diego Freitas. Previsão é que entre no catálogo no próximo ano.

Na televisão, entre novelas, séries e especiais, são outras 80 participações... Começou em 1956 com o *Grande Teatro Tupi*, da TV Tupi. Nessa mesma emissora trabalhou nas novelas *Beto Rockfeller* (1968) e *Mulheres de Areia* (1973). Na TV Globo, atuou em *Tenda dos Milagres*

(1985), *Roque Santeiro* (1985), *Selva de Pedra* (1986). No SBT, fez *Éramos Seis* (1994). Seu papel mais popular hoje em dia é o mordomo Silviano, da novela *Império* (2014), da TV Globo. Na mesma emissora, seus últimos trabalhos foram *Haja Coração* (2016), *A Força do Querer* (2017), *Tempo de Amar* (2018), *Carcereiros* (2018), *Espelho da Vida* (2019) e, novamente, *Éramos Seis* (2019).

No teatro, Othon Bastos estreou em 1950 na peça *Otelo*. Na segunda metade da década foi estudar artes cênicas em Londres. No Brasil, encenou peças de Ariano Suassuna e Rachel de Queiroz. Também de Tennessee Williams e William Shakespeare, além de Tchekov e Brecht. Foi dirigido no teatro por Gianfrancesco Guarnieri, João Augusto e José Celso Martinez Corrêa, Paulo José e Sérgio Britto, além de Miguel Falabella, José Wilker e Bibi Ferreira.

Em entrevista por telefone, entre citações de Osho e Clarice Lispector, Othon Bastos falou sobre sua trajetória no teatro (do início com Paschoal Carlos Magno e da montagem de *Auto da Compadecida*, do paraibano Ariano Suassuna) e no

cinema (com participação em *Fogo Morto*, longa-metragem de 1976 baseado na obra do paraibano José Lins do Rêgo). O artista, neto do coronel José Miranda Bastos, tentou entrar na Aeronáutica e ainda pensou em ser odontólogo. Mas – para a nossa sorte – mergulhou na fluidez da arte. “Quando eu contei que ia fazer teatro, meu pai disse que não ia me impor uma profissão e que eu seguisse e que fosse feliz”, comentou Othon.

Felicidade, aliás, é uma obrigação na vida de Othon. A entrega ao ofício das artes ocorre em paralelo à construção permanente da alegria cotidiana. Antes de desligar o telefone, pertinho da meia-noite, Othon faz um pedido: “Por favor, não esqueça de dizer na matéria que eu sou casado com Martha Overbeck, uma bela e grande atriz. São 55 anos de casado! Tivemos uma companhia de teatro. Também fale de meu filho Pedro Bastos, que é designer. Não quis ser ator”. Esqueço não, seu Othon. Esqueço não. A seguir, leia a entrevista com um dos maiores nomes brasileiros do teatro, da TV e do cinema. ▶

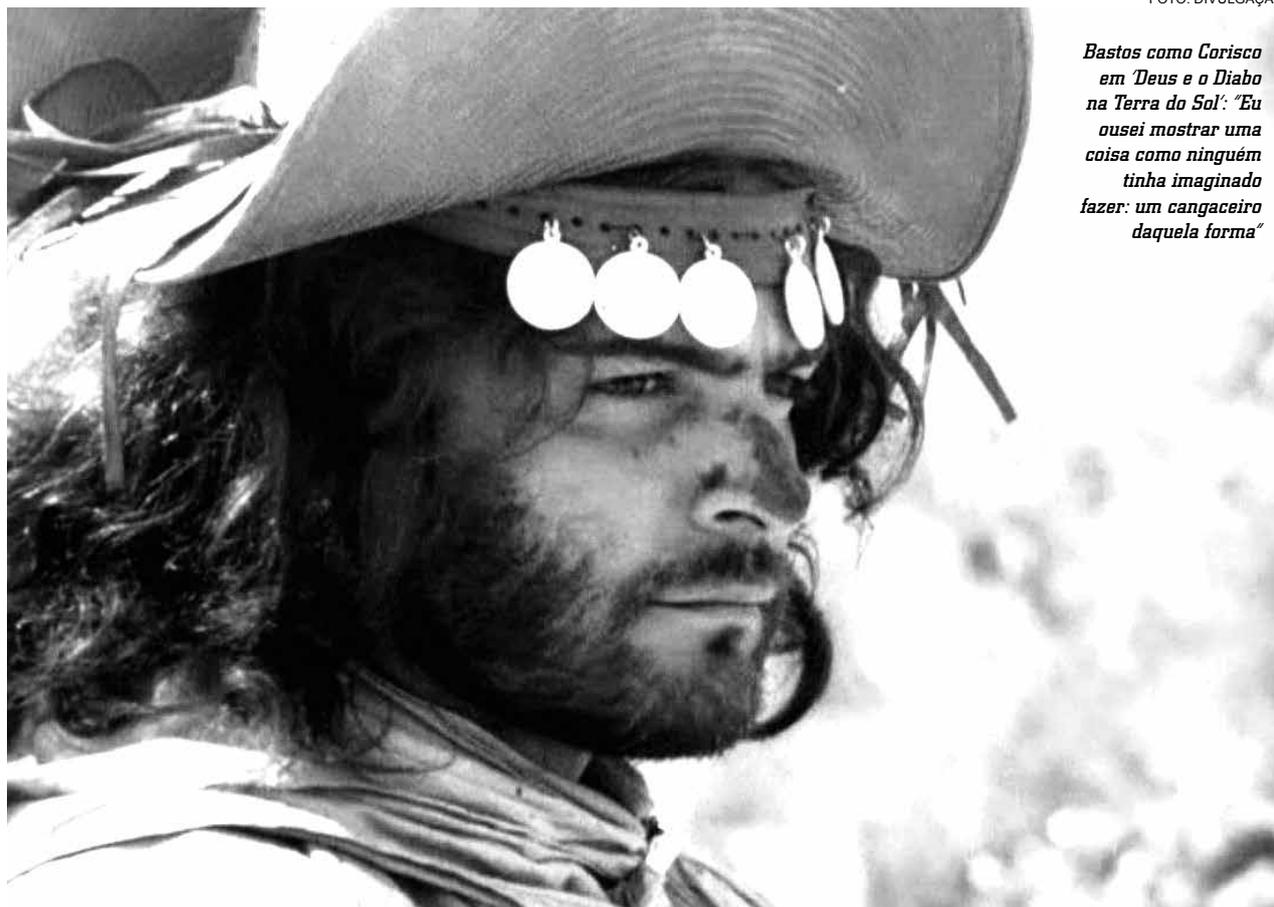


FOTO: DIVULGAÇÃO

Bastos como Corisco em Deus e o Diabo na Terra do Sol: ‘Eu ousei mostrar uma coisa como ninguém tinha imaginado fazer: um cangaceiro daquela forma’



FOTO: DIVULGAÇÃO

cia. Ajudava os colegas a decorar texto, ajudava a pendurar roupas, organizar as coisas e deixar tudo arrumadinho para o dia seguinte. Eu fui aprendendo tudo isso e essa bagagem foi que me iniciou no teatro. Eu ia fazer um curso para entrar na escola aeronáutica militar e fui reprovado. Porque tinha uma redação e eu acabei assinando a redação e não podia assinar nada para não identificar o aluno! Pensei em seu odontólogo também. Desisti. Por aqueles dias, fui fazer papel de ponto numa peça que ia ser montada – *Otelo* – com o Walter Clark, um dos grandes diretores da TV Globo. Ele fazia o Iago nessa peça e ficou com medo de fazer o Iago porque poderiam pensar que ele era gay. Na época, falava-se “fruta”... Então, deram o papel a mim. Nessa época, o Paschoal era a pessoa mais importante da cultura desse país. Lá em Londres comecei a fazer teatro profissional. Aprendi tudo sobre teatro, principalmente sobre teatro shakespeariano. Como falar, como andar... Voltei para o Brasil porque lá eu ia fazer papel sempre de sul-americano. Nunca ia me dar um papel grande.

▶ A ENTREVISTA:

– Como foi a fase de sua carreira que você passou na Europa para estudar e trabalhar com artes cênicas?

– O negócio é o seguinte: quando eu fui para Londres fiquei lá um tempo em uma escola de onde saíam os melhores atores ingleses, como Laurence Olivier. E tinha também o Michael Redgrave. Até no banheiro tinha retrato dele. Sentava no “trono” e ficava olhando o retrato dele (risos). Porque ele se tornou um dos maiores atores na Inglaterra e era muito amigo do Paschoal Carlos Magno, que foi quem me levou para fazer essa excursão e ficar em Londres uma temporada. Fui aluno do Paschoal na década de 1950. Ele estava criando uma escola de teatro e fazia na garagem da escola um teatrinho de 100 lugares. Lá, passaram várias gerações e ele só levava a peça de autores brasileiros que ainda não haviam sido lançados. Inéditos! Fazíamos as peças lá nesse teatrinho. Nunca passou pela minha cabeça ser ator. Para mim, foi um acidente que apareceu na minha vida na escola de Paschoal. Comecei como ouvinte. Nem tinha mais vaga. Vi vários espetáculos. Mas não comecei atuando. Aprendi a ser um diretor de cena, iluminador, sonoplasta, como se faz um cenário... Só depois de um determinado tempo, fui para o palco e já tinha uma noção de tudo o que aconte-

“

Glauber começou a falar mal da escola de teatro.

Dizia que a universidade era lugar de estudar Medicina, Odontologia, Direito... Depois ele se arrependeu

Othon Bastos

– Sobre o seu link com a arte paraibana, você encenou ‘Auto da Compadecida’...

– Eu fiz o palhaço narrador. Foi na escola de teatro da Universidade da Bahia. Foi um tremendo sucesso. A dupla João Grilo e Chicó foi uma loucura. Todo mundo quis montar Ariano Suassuna.

– Como era trabalhar com Glauber Rocha? Você costumava interferir nas cenas?

– Quando eu fiz o filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, eu usei mostrar uma coisa como ninguém tinha imaginado fazer: um cangaceiro daquela forma. Não queria fazer um cangaceiro normal. Eu quis fazer uma coisa diferente... Glauber tinha 23 ou 24 anos. E foi o primeiro grande roteiro dele. E eu disse a ele para fazer uma coisa diferente, sem *flashback*. O cangaceiro representando e fazendo as vozes... Stanislavski nas representações e uma experiência brechtiana. Ele me olhou e disse: vamos fazer! Então o filme nasceu da generosidade do Glauber, dele aceitar modificar um filme escrito por ele. O *Corisco* é um contador de histórias. Lembrei até do filme *São Bernardo*. Leon Hirszman não fez o roteiro, ele usou o livro! E íamos adaptando cada cena. Não havia roteiro! Acho que Nelson Pereira dos Santos fez isso em *Vidas Secas*, um filme lindo e extraordinário. Isso é que é bonito: a ousadia!

– Tem um dossiê do serviço Nacional de Informação (SNI) – da ditadura militar – que aponta você como influenciador de Glauber Rocha...

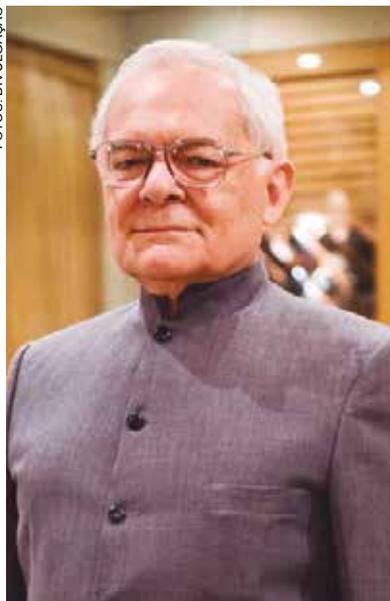
– Diziam que eu era o cabeça (risos). Eu conheci Glauber na escola de teatro da Bahia. Glauber começou a falar mal da escola de teatro. Dizia que a universidade era lugar de estudar Medicina, Odontologia, Direito... Depois ele se arrependeu disso porque a idade de ouro da Bahia foi com a inauguração dessas escolas (de artes). Vinham pessoas de fora para estudar na escola de teatro e para estudar música e dança.

– Artista tem que ter posicionamento político?

– Bertolt Brecht diz que o maior analfabeto é o analfabeto político. ▶

► Precisa ter conhecimento, não é nem participar, mas tem que ter conhecimento da situação. O ator é um arauto da sua época. Tem um ator que diz o seguinte: eu vejo o mundo através dos olhos do personagem que eu faço. Então é isso que o ator tem que transmitir. Ele tem que estar ciente de tudo. Quer ser fascista de direita, de esquerda, de centro, mas ele tem que ter a política, inclusive para discutir as peças e ver qual critério vai ser montado. Cada peça representa uma época e é da maior importância isso: conhecimento! Só não pode ficar brigando entre a gente por ser de esquerda ou de direita. Tem que respeitar as ideias. Eu sou completamente diferente da sua opinião mas eu gostaria de ouvir a sua opinião.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



O ator no papel do mordomo Silvano na novela 'Império', seu personagem mais conhecido pelo público

– Qual é a sua avaliação política do atual cenário cultural do Brasil?

– Um desastre. Temos um presidente que diz que o museu pegou fogo e não pode fazer nada porque não é bombeiro, entende? A Cinemateca pegou fogo também. Está tudo destruído. Esse Governo parece que gosta de ver o país tocando fogo enquanto ele toca harpa... É uma loucura. Já estava ruim e piorou com a pandemia. O cinema acabou parece que com a Era Collor. O cinema vinha fantásticamente bem e quando chegou a Era Collor acabou tudo. Era produção de 234 filmes por ano!

– Com quase 90 anos de idade, como é lidar com pandemia, isolamento e protocolos sanitários?

– Muitos colegas faleceram. Você tem que acreditar que você tem que viver. Não se pode ficar parado em casa ou artista vai enlouquecer. Como dizia Picasso, o maior inimigo do artista é o bom senso. Eu não consegui fazer nenhum espetáculo on-line nessa fase. Teatro on-line não é teatro. É televisão. Olhar humano não estava ali com você. O aplauso... A vaia. Não estar presente é horrível e aí se você fica dentro de casa você cai no desespero.

– Você se agrada com o atual cinema brasileiro

– Olha... Eu acho que estão fazendo coisas muito boas. Tem pro-

dução em Fortaleza (CE), Recife (PE), Salvador (BA)... Agora em todo lugar tem artistas querendo fazer e eu fico espantado como todos estão conseguindo fazer cinema, porque é uma arte caríssima. Fazem com amor extraordinário! Pessoas se juntam e dizem vamos fazer!. E fazem!!! Mas eu não sei se as pessoas estão sobrevivendo de cinema... De teatro não estão sobrevivendo! Com a pandemia, existe lotação de 40%. E como é possível sobreviver de teatro com uma lotação de 40%??? Não dá!!! Eu não sei como a gente vai sair dessa. Há um descaso... Uma maldade com a arte no país. É uma loucura! Eles têm medo do que as pessoas possam fazer com a arte contra eles. Esse medo é visível. No lugar de comprar ingresso, (sugerem) comprar uma arma...

– É possível que a personagem Corisco seja o seu papel mais emblemático junto a Glauber Rocha... Como você avalia ter um papel tão emblemático, tão importante internacionalmente, mas quando a gente fala em popularidade, um papel de TV – como o mordomo Silvano - te dá mais reconhecimento popular?

– É que a televisão é uma grande potência. Milhões de pessoas estão vendo a televisão. Cinema não leva isso... Poucos filmes brasileiros fazem milhões de espectadores. ►

"Está tudo destruído. Esse Governo parece que gosta de ver o país tocando fogo enquanto ele toca harpa... É uma loucura"



Othon Bastos em cena do filme 'Depois do Universo', produzido pela Netflix e ainda inédito

► Então é muito mais fácil a televisão ter uma grande quantidade de espectadores. Hoje em dia, a gente não vai mais ao teatro nem ao cinema, mas a televisão fica ligada o tempo inteiro.

– **Othon, você acha que falta papel para artistas esposos no cinema e na TV?**

– Muito! Está cada vez mais difícil. Você tem uma geração que está acabando e que não tem mais quem substitua. Fernanda Montenegro... Reginaldo Faria... São poucos agora em relação ao que era antigamente. Hoje em dia o elenco é uma gurizada. São jovens os atores e os autores não pensam na velhice. Só pensam na beleza. Quais são os atores com mais de 80 anos que ainda estão atuando? Em uma novela, você encontra 50 atores jovens trabalhando. Estão mandando os atores velhos embora. Vou fazer um filme para a Netflix e vou fazer um avô! Claro! Só pode ser um avô (risos). Então quanto mais avô tiver, eu estou aí para fazer! Quero estar vivo! Não me interessa a posteridade. Nunca me interessou a posteridade. A posteridade está no Google... Só me interessa estar vivo e trabalhando.

– **Fala um pouquinho sobre esse filme o que você está fazendo agora para Netflix...**

– *Depois do Universo* é sobre uma menina que é uma grande pianista e sofre de Lúpus. Ela tem um problema sério e precisa fazer hemodiálise. Luta desesperadamente com isso. Quer se transformar uma grande pianista e eu sou o avô dela, apaixonado por ela. Tem um filme do Pedro Vasconcelos que eu acho o título lindo e a história é maravilhosa: *Eu, Meu Pai e As Cinzas da Minha Mãe*. É um filme sobre reconciliação. É lindo.

– **Você trabalhou com o Pedro Vasconcelos em *Império*...?**

– Sim. E meu papel foi ficando maior na novela à medida que ele foi revelando quem era ele. É engraçado que quando eu recebi o roteiro da novela, a única informação que eu recebi sobre o mordomo Silviano foi que ele não era gay (risos). Eu fiz aquele mordomo quase inglês e aguentando aquela família. As revelações foram

um choque. Gostei muito de fazer aquele papel...

– **Como é Othon Bastos quando não está atuando? O que você costuma fazer?**

– Vejo que eu posso ver... Leio. Convivo com a minha família, com a minha mulher há 55 anos. Ela também é atriz. Montamos a nossa companhia em São Paulo e ficamos uns 15 anos trabalhando em São Paulo. A gente ri e se diverte, pois não existe nada melhor do que a gente ter alegria e carregar alegria. Isso influencia as outras pessoas que estão com você. Acho que a gente precisa ter alegria na vida. A vida no maior desleixo (risos) trago aqui dentro de mim e não me queixo. A pior coisa que tem é você se lastimar. Isso leva você lá para

baixo. Então levanta a cabeça e vai em frente. O Oscar Wilde tem uma coisa maravilhosa: ele disse que a gente precisa procurar ser quem a gente é mesmo, e não esquecer que todas as outras personalidades já têm dono.

– **Qual o seu sentimento com relação a essa homenagem do Fest Aruanda?**

– Eu acho que cada vez que você há uma homenagem é um reconhecimento que estão fazendo a seu respeito. Às vezes você nem sabe o quanto você é conhecido e o quanto você gratifica as pessoas com o seu trabalho. Essa homenagem é um presente. É um presente como o Kikito de Cristal que recebi no Festival de Gramado. ✖

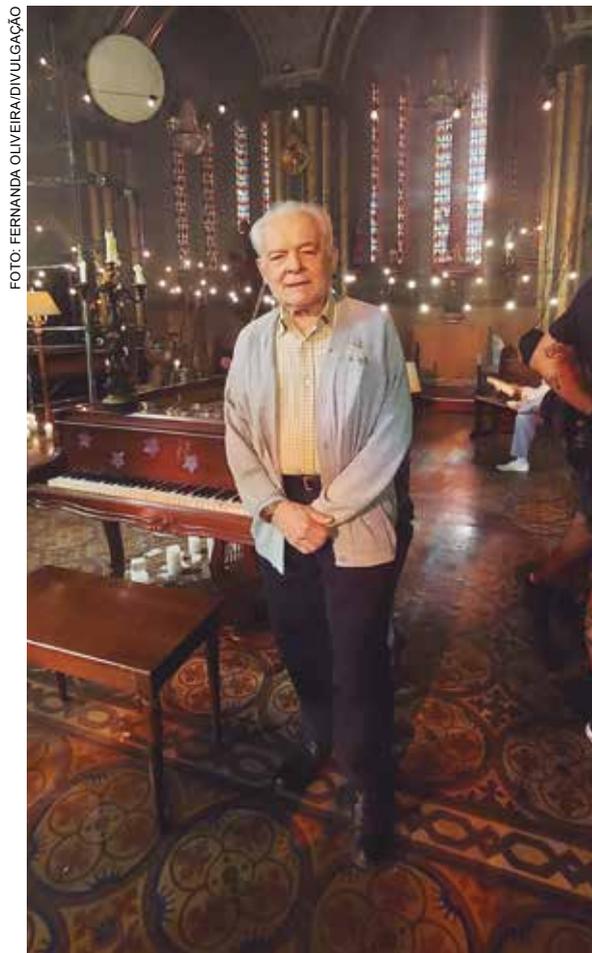


FOTO: FERNANDA OLIVEIRA/INDIVULGAÇÃO

Prestes a fazer 90 anos de idade, Othon Bastos faz um avô em 'Depois do Universo': 'Quanto mais avô tiver, eu estou aí para fazer!'

Jãmarrí Nogueira é graduado em Jornalismo pela UFPB e pós-graduado em Jornalismo Cultural pela FIP. Trabalha como jornalista profissional há quase 30 anos, tempo em que atuou nos jornais O Norte, Moçada Que Agita, Correio da Paraíba e A União. Também foi colunista do Jornal da Paraíba. Trabalhou ainda na Cabo Branco FM, Cidade Verde AM e Tabajara FM. Atuou nos portais Tambaú 247 (hoje T5) e no MaisPB. Atualmente, integra a assessoria de imprensa da Funesc, sendo ainda colunista da CBN João Pessoa e do Portal T5.



A festa



do audiovisual na Paraíba

COM NOMES DE DESTAQUE, GRANDES PRODUÇÕES E UMA SÉRIE DE ATIVIDADES, FEST ARUANDA SE DESTACA COMO UM DOS PRINCIPAIS EVENTOS DO PAÍS

Chegou a hora da festa do audiovisual brasileiro em terras paraibanas. Em sua 16ª edição, o tradicional Fest Aruanda do Audiovisual Brasileiro volta a acontecer com a presença de público, em formato híbrido, com exibições presenciais na tela do Cinépolis Manairá, em João Pessoa, seguindo os protocolos sanitários atuais, e oficinas, mesas e debates pela internet, através da plataforma Aruanda Play, fórmula que manteve o Aruanda aceso em 2020, com edição completamente on-line em virtude da pandemia de covid que se espalhou pelo mundo a partir daquele ano.

A solenidade de abertura está prevista para o dia 9 de dezembro, uma quinta-feira, às 19h30, na Sala 9 do Cinépolis, com homenagens e a exibição, na telona da Macro XE, do curta-metragem paraibano *A Canga*, de Marcus Vilar, seguido pelo longa *A Viagem de Pedro*, de Laís Bodanzky. A agenda segue até o dia 15 daquele mês (confira a programação completa na página 16)

“O Fest Aruanda, este ano, está recheado de efemérides”, anuncia Lúcio Vilar, fundador e produtor executivo do Fest Aruanda, elencando as homenagens: 20 anos do premiado *A Canga*; cinquentenário de *O País de São Saruê*, primeiro longa-metragem do paraibano Vladmir Carvalho (leia um texto inédito do cineasta sobre a obra na página 11), o

maestro, também paraibano, José Siqueira, através de um documentário biográfico (veja mais na página 12) e os 60 anos de carreira do ator Othon Bastos, o famoso cangaceiro Corisco do clássico *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha.

O multiartista W.J. Solha, ator de filmes como o citado *A Canga* e *O Som ao Redor*, este de Kléber Mendonça Filho, também será celebrado através da entrega do Troféu Aruanda, já na abertura do evento, no qual também será homenageado José Siqueira, postumamente.

A montadora Cristina Amaral é outra homenageada. “Por sua condição de montadora, área tradicionalmente ocupada pelos homens, e que ela conquistou um lugar muito especial, trabalhando com importantes diretores, a exemplo de Carlos Reinchenbach, de quem iremos exibir o filme *Garotas do ABC*, montado, claro, pela homenageada”, acrescenta Lúcio Vilar.

O jovem realizador Ely Marques, morto em abril deste ano, em decorrência da covid-19, também será lembrado, em uma homenagem póstuma. “Uma perda que ainda seguimos tentando ‘digerir’ pelo que ele representava enquanto profissional de excelente reputação e pela abnegada militância no audio- ▶

- ▶ visual paraibano, segmento em que contribuiu, sempre trabalhando na perspectiva do coletivo”, comenta o idealizador do festival.

PRODUÇÃO

Doze curtas metragens fazem parte da Mostra Competitiva Nacional do festival. Os selecionados – de um total de 423 inscrições de todas as regiões do Brasil, entre ficções, documentários e animações – podem ser conhecidos através do site oficial do evento, www.festaruanda.com.br.

De acordo com Lúcio Vilar, na seara da produção curta-metragista, haverá, na programação deste ano, uma presença predominante de filmes realizados na região Nordeste. “O que é indicativo da força do segmento, com três diretores paraibanos integrando a competição que envolve 12 trabalhos. Mais uma vez, a ‘prata da casa’ estará presente na competitiva paraibana com oito curtas, dada a qualidade, ousadias estéticas e temáticas.”

O Comitê de Seleção de curtas-metragens foi formado pelos jornalistas e críticos de cinema Amilton Pinheiro e Marcus Mello (ambos da Abraccine - Associação Brasileira de Críticos de Cinema) e pela diretora e curadora Camila de Moraes. “Nos deparamos com filmes de realizadores que não deixaram de tratar de temas complexos e necessários, mas sem abrir mão da formalidade conceitual e de linguagem. Um ponto que vale destacar na seleção do Comitê de Curtas Nacional é a descentralização das produções das regiões mais abastadas. Muitos filmes foram realizados fora das capitais, adentrando o Brasil diverso e fecundo e nos revelando em nossa integridade”, diz Amilton Pinheiro, presidente do Comitê de Seleção.

“Dentro desta mostra do que estamos produzindo no audiovisual brasileiro, será possível verificar uma grande diversidade de conteúdos, gêneros e expressões artísticas, e regionalidade. A representação LGBTQIA+ se faz presente nas telas, bem como um protagonismo negro. Desde já, fica o convite para *todes* acompanharmos toda a programação do Festival e que tenhamos uma ótima sessão”, completa diretora e curadora Camila de Moraes.

A linha curatorial geral da edição 2021 foi definida por Lúcio e pelo jornalista Amilton Pinheiro, de São Paulo. “Reflete, de modo polissêmico, através de estéticas e narrativas diversas, muito das sensibilidades,

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Lúcio Vilar: linha curatorial da edição 2021 reflete as ideias e percepções sobre o Brasil, atravessado por descaminhos, mas sem perder a ternura

ideias e percepções sobre o Brasil atravessado por descaminhos, mas, sem perder a ternura, apontando novas rotas e perspectivas de reconstrução civilizatórias. Sabemos que os filmes não transformam a sociedade, mas se prestam a oferecer óculos com lentes de aumento para melhor enxergarmos nossa própria realidade. Com isso, podem mudar consciências e redirecionar olhares, o que não é, convenhamos, pouco, numa seara tão árida de intolerâncias que vivemos nos últimos anos, no Brasil”, conceitua Lúcio.

O que foi uma janela, ano passado, com a mostra de curtas-metragens dos estudantes da Universidade Lusófona, de Lisboa, este ano ganha mais musculatura, com uma nova mostra de filmes portugueses e uma primeira competitiva, que vai reunir jovens curta-metragistas da União Europeia. “Eis um dado relevante da edição 2021 em se tratando de um braço internacional, terreno inédito que iremos trilhar a partir de agora de forma definitiva”, afirma o idealizador do Fest Aruanda.

Parcerias

Presidente da Cinépolis Brasil, casa que sedia as exibições do Fest Aruanda, Luiz Gonzaga de Luca faz uma reflexão sobre o impacto da Covid-19 nas salas de cinema, que tiveram que ser fechadas em todo o mundo nos momentos mais críticos da pandemia, um “vácuo” que fez os serviços de streaming se sobressaírem como “lançadores de filmes”.

“Em 2020, o Festival Aruanda foi igualmente prejudicado ao realizar apenas exibições virtuais. Sabemos que a troca de experiências, o debate e a exibição coletiva são muito importantes para um festival, abrindo

horizontes para a experimentação, para o desenvolvimento da linguagem cinematográfica e para a discussão de políticas do setor.”

Parceiro forte do festival, a Cinépolis comemora a volta das sessões presenciais do Fest Aruanda. “Sabemos o quão importante este festival é para o cinema brasileiro. Será uma excelente oportunidade de se discutir as mudanças que ocorreram e que ocorrerão após um longo período de quase hibernação do cinema tradicional. Sabemos, também, que a exemplo do que ocorreu quando do surgimento de outras tecnologias, teremos uma indústria ampliada, com mais recursos financeiros e com maiores oportunidades de realização”.

A Companhia Paraibana de Gás (PBGás), que a partir deste ano passa a apoiar o evento, também corrobora com a importância do Fest Aruanda. Para o diretor-presidente da empresa, Jailson Galvão, o festival “vem democratizando o acesso à cultura e contribuindo para a formação de público para cinema com conteúdo, além da abertura de espaços para veiculação de filmes independentes da Paraíba, do Nordeste e do Brasil”.

Galvão afirma que o festival é um convite para o paraibano conhecer mais sobre o nosso cinema, seus personagens e suas produções cinematográficas fortes e inspiradoras. “Incentivar o cinema paraibano é amplificar o sentimento de ‘paraibanidade’ da nossa gente”, arremata. ✖

'O País de São Saruê'

em três tempos



Vladimir Carvalho

Especial Para o *Correio das Artes*

Imagens e sons vários permanecem na minha memória como um caleidoscópio de diferentes espaços e tempos. Estamos em 1966, já no clima opressivo da ditadura, e incursiono pelo Sertão sob o tacão impiedoso da seca, na companhia solidária e atenta do fotógrafo Manuel Clement.

Numa paisagem quase esque-lética, com um sol que não dava trégua e parecia fulminar com tudo que é vivo, avançamos a custo, com nossa câmera Bell&Howell 16mm, filmando sem respeitar qualquer preceito ou convenção técnica, rompendo com tudo para imprimirmos as imagens dilacerantes do sertanejo e suas circunstâncias.

Como garantia tínhamos apenas o providencial e generoso apoio de Antônio Mariz, então prefeito de Sousa, na Paraíba. Em mais duas investidas, em 1967, aumentamos para três a nossa minguada equipe, com a entrada de Walter, meu irmão, e demos por terminada esta etapa de nosso trabalho ali.

O filme só ficou pronto em 1971, ano em que eu já estava vivendo entre o Rio de Janeiro e Brasília. Então encetei a batalha para liberá-lo na Censura Federal. Contava com estímulos que vinham de cima, digamos assim, com declarações consagradoras de Glauber Rocha, Ariano Suassuna, Jean Claude Bernardet e José Américo de Almeida, que conheceram o longa-metragem em privado, em sessões exclusivas.

Numa dessas, no Hotel Tambaú (em João Pessoa), José Américo

chegou a comparar *O São Saruê* à *Bagaceira*, o seu seminal e célebre romance. Entretanto, essa não foi a impressão da Censura Federal que, draconiana e arbitrária, interditou e proibiu o filme em todo o território nacional e no exterior.

Simultaneamente, fora ele selecionado para competição do Festival de Brasília. Vi-me entre a cruz e a caldeirinha. Novamente guiado por Antônio Mariz, esse já na Câmara Federal, apelamos para outros paraibanos ilustres: no Supremo, fomos visitar o ministro Oswaldo Trigueiro e no Comando Militar do Planalto, fomos apelar para o general Antônio Bandeira.

NOTA

Filme será tema de painel

O País de São Saruê será tema de um painel dentro da programação do 16º Fest Aruanda do Audiovisual Brasileiro, integrando a programação do Núcleo Memória e Preservação Audiovisual do festival.

"O País de São Saruê" - 50 Anos - A Exhaustiva e Fascinante Magia de Editar um Documentário" irá ocorrer no dia 14 de dezembro, uma terça-feira, às 14h, com transmissão pelo canal do festival no Youtube e contará com a participação da professora Marília Franco (ECA-USP), do próprio Vladimir Carvalho e de José Maria Lopes, especialista em restauração cinematográfica. A mediação será do fundador e produtor executivo do festival, Lúcio Vilar.

Durante todo o evento, o próprio filme estará disponível através da plataforma AruandaPlay, que pode ser acessada através do site oficial do evento.

Ledo esforço: ambos se declararam impotentes dadas às circunstâncias políticas da época. Fui sozinho ao chefe da Censura, Rogério Nunes, que me enganou, afirmando que iria consultar o Ministro da Justiça, Alfredo Buzaid. Mero teatro: voltou dizendo que sua excelência não poderia tomar qualquer medida. A proibição do filme e retirada da programação resultou em protesto e escândalo no Festival de Brasília, com vaias nas autoridades e choques com seguranças. O próprio festival foi suspenso por três longos anos.

Com a anistia, em 1979, e depois de purgar longa espera, *O País de São Saruê* volta à tona com surpreendente força no clima de pré-redemocratização do país, e tem estreia festiva no Cine Ricamar, em Copacabana (Rio de Janeiro). Inclusive, com a presença prestigiosa e discurso de Luiz Carlos Prestes, que recém chegava de Moscou.

Era o último filme em preto e branco do cinema brasileiro. Em seguida, a Embrafilme lançou-o no circuito comercial com maciço apoio da crítica e o Festival de Brasília daquele ano agraciou-lhe com o prêmio especial do Júri.

Há 15 anos, com avarias em seus negativos, Myrna e Carlos Brandão promoveram a sua restauração e ele agora aparece garboso nas listas dos 100 melhores filmes brasileiros. Eis o resumo histórico de meio século de existência de *O País de São Saruê*. ✦

Vladimir Carvalho é cineasta, documentarista e professor. É diretor de filmes como 'O País de São Saruê' (1971), 'O Homem de Areia' (1982), 'Conterrâneos Velhos de Guerra' (1991), 'O Engenho de Zé Lins' (2006) e 'Rock Brasília - Era de Ouro' (2011). Natural de Itabaiana (PB), mora em Brasília (DF).



O resgate

do maestro paraibano que a ditadura apagou



Fundador da Orquestra Sinfônica Brasileira e da Ordem dos Músicos do Brasil, maestro é retratado no filme 'Toada Para José Siqueira', um dos destaques do Fest Aruanda 2021

JOSÉ SIQUEIRA É HOMENAGEADO NA 16ª EDIÇÃO DO FEST ARUANDA, QUE EXIBIRÁ FILME SOBRE SUA TRAJETÓRIA

Jãmarrí Nogueira

Especial para o *Correio das Artes*

Um excelente filme sobre um gênio da música internacional. É um bom começo para uma crítica sobre o documentário *Toada Para José Siqueira*, de Eduardo Consonni e Rodrigo T. Marques (este, sobrinho-neto do maestro paraibano). Por sinal, tal genialidade musical e o olhar aquilino para reflexões políticas e percepções sociais já são justificativas muito boas para que Siqueira siga sendo homenageado de várias maneiras.

Não à toa, a 16ª edição do Fest Aruanda do Audiovisual Brasileiro tem José Siqueira como um dos homenageados este ano. Inclusive, a programação contará com

a exibição do documentário sobre José Siqueira. O longa-metragem consegue – em cerca de duas horas – agarrar o espectador ao mostrar a origem, a trajetória e as obras do paraibano nascido em 1907, Conceição do Piancó, Sertão da Paraíba.

Com narração em primeira pessoa, o documentário foge

do modelo que coleta depoimentos a respeito da personagem ou tema central. A narração é feita pelo ator paraibano Fernando Teixeira (também sobrinho-neto de Siqueira). Outra sobrinha-neta, a professora e pianista Josélia Vieira, integrou a equipe de produção do filme que resgata a imagem de um dos nomes mais importantes da música no mundo, mas foi “apagado” no Brasil...

José Siqueira (que dá nome à Sala de Concertos da Fundação Espaço Cultural - Funesc, em João Pessoa), fundador da Orquestra Sinfônica Brasileira e da Ordem dos Músicos do Brasil, foi apagado pela ditadura militar a partir do fim da década de 1960. Foi proibido de dar aulas e de reger orquestras no país. Lutou pela música e pelos músicos. Mudou-se de mala e cuia para a antiga União Soviética, onde está grande parte do seu acervo editado e onde ainda é uma sumidade.

O filme de Consonni e Marques (os mesmos do documentário Pedro Osmar – Pra Liberdade Que Se Conquista) tem uma profusão de áudios, imagens e vídeos. Algo de uma riqueza documental histórica. Entrevistas dadas por Siqueira a emissoras de televisão, entrevistas que o próprio Siqueira fez com representantes da música e da cultura popular, vídeos familiares e fotos e mais fotos do maestro.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Sobrinho-neto de José Siqueira, Rodrigo T. Marques é um dos diretores do documentário: "Meu objetivo era fazer um filme para minha avó poder ver na tela grande"



Pôster do filme, que poderá ser visto pela internet durante o período do festival, através do Aruanda Play

► *Toada Para José Siqueira* é uma oportunidade para saber mais sobre o compositor, sobre o acadêmico, sobre o ativista e sobre o maestro José Siqueira, autor de 'Xangô – Cantata Negra' e 'Candomblé', peças que são referência da música para orquestras (com influências fortes e explícitas das sonoridades brasileiras e de matriz africana).

Rodrigo T. Marques contou que, há 20 anos, recebeu da avó, Aury Siqueira, um livro sobre o irmão dela, José Siqueira, que era compositor e maestro. "Eu não sabia nada sobre sua história e, depois de lê-la, muitas coisas começaram a mudar sobre a forma como eu via minha família e minha própria vida. Eu estava disposto a estudar cinema e esse livro meio que me deu mais força para ingressar nesse sonho. Meu objetivo era fazer um filme sobre a história dele para minha avó poder ver na tela grande".

Para contar sua história, Rodrigo e Eduardo Consonni usaram as pesquisas feitas ao longo desses 20 anos. "Usando suas próprias memórias e pensamentos numa espécie de abordagem autobiográfica, conseguimos fazer um resgate poético de sua vida e obra seguindo os passos que o levaram a se tornar um dos maiores compositores e maestros de todos os tempos no Brasil e também um grande líder da classe mu-

Quem foi José Siqueira

Nasceu em Conceição, no Sertão paraibano, filho de um mestre da Banda do Cordão Encarnado, que lhe ensinou a tocar diversos instrumentos como saxofone e trompete. Durante sua juventude, atuou em bandas de música de várias cidades do interior da Paraíba. Foi para o Rio de Janeiro em 1927 e logo ingressou na Banda Sinfônica da Escola Militar, como trompetista. Estudou no antigo Instituto Nacional de Música, onde formou-se em Composição e Regência, iniciando assim sua carreira de compositor e regente no Brasil e no exterior. Foi professor da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro; idealizou e criou a Orquestra Sinfônica Brasileira e foi membro fundador da Academia Brasileira de Música e da Academia Brasileira de Artes.

O músico foi reconhecido com mérito no Brasil e no exterior, tendo sido regente de importantes orquestras sinfônicas, entre as quais, a Sinfônica de Filadélfia (Detroit), Rochester (Estados Unidos), Orquestra da Rádio Sinfônica de Paris (França) e a Sinfônica de Roma (Itália). José Siqueira foi também regente de orquestras em países como Canadá, Portugal, Holanda, Bélgica e na Rússia, onde boa parte de sua obra foi editorada e preservada.

O maestro oficializou a Orquestra Sinfônica do Recife, a mais antiga do país, e também idealizou e criou a União dos Músicos e a Ordem dos Músicos do Brasil, assumindo a sua presidência em 1960. Deve-se a ele também a criação da Orquestra Sinfônica de Rio de Janeiro, Orquestra Sinfônica Nacional, Orquestra de Câmara do Brasil, Sociedade Artística Internacional e o Clube do Disco. Entre as suas ações estão a publicação de vários livros didáticos, tais como Canto Dado em XIV Lições, Música para a Juventude, Sistema Trimodal Brasileiro e Curso de Instrumentação.

José Siqueira foi aposentado compulsoriamente em 1968, pela ditadura militar, sendo afastado da cadeira de professor da Escola de Música da UFRJ e do Instituto Villa-Lobos, além de ter sido proibido de reger as orquestras e de ter sua obra executada. O maestro paraibano faleceu aos 78 anos, na cidade do Rio de Janeiro, deixando uma vastíssima obra de mais de 500 composições entre óperas, cantatas, concertos, oratórios, sinfonias e música de câmara.

sical brasileira. Ele veio do Sertão nordestino e regeu várias orquestras pelo mundo, dos Estados Unidos, Canadá à Europa e também na União Soviética, mostrando a força e a diversidade da cultura brasileira. Mas sua história permanece desconhecida em seu próprio país, depois que foi apagada pela ditadura civil-militar brasileira. O Brasil tem uma tradição de apagar sua própria história e este filme tem como objetivo quebrar essa tradição", disse Rodrigo.

Eduardo Consonni explicou que a produção levou mais de dois anos para ser concluída, com viagens para o Rio de Janeiro e o Sertão da Paraíba, onde foram pesquisados todos os acervos públicos e privados sobre o maestro. "O filme trouxe um grande desafio de recuperação do seu acervo fotográfico, cadernos de viagem, rolos de áudios e de filmes Super 8mm, de suas viagens de pesquisa sobre a cultura popular nordestina, tudo inédito e com um enorme valor para a história da nossa cultura Brasileira".

Para o codiretor, outro grande desafio foi construir o personagem sem o recurso de depoimentos e entrevistas. "Recuperamos um texto escrito por José Siqueira e criamos uma narração com o ator paraibano Fernando Teixeira, que traz para o documentário um tom autobiográfico, revelando uma surpreendente história de vida e um legado que transformou os rumos da educação musical e da música erudita no Brasil", comenta Consonni. ❖

'Deserto Particular'

Road movie melancólico é o representante do Brasil a uma vaga no Oscar 2022

Bruno Carmelo
Papo de Cinema.com

Tudo ao redor de Daniel (Antônio Saboia) o impulsiona para fora de si e do local onde se encontra. O policial foi repreendido por um treinamento excessivamente violento, sendo afastado pelos superiores e transformado em alvo de críticas na mídia. Um julgamento disciplinar o aguarda, apontando a uma provável punição exemplar. A saúde do pai idoso se agrava, exigindo cuidados maiores. Além disso, a namorada distante, que ele nunca conheceu pessoalmente, para de mandar mensagens sem motivo aparente.

Sem amor, trabalho, nem uma sólida estrutura familiar, ele faz as malas e sai de casa certa manhã, de Curitiba ao interior da Bahia, direcionando a rota para sua amada desaparecida (mas não morta, espera-se). Ele desconhece a localização precisa de Sara, e parte sem data de retorno.

A fuga constitui um objetivo em si mesmo: Daniel procura se encontrar num universo diferente do seu. Para justificar a decisão deste jovem, o roteiro dedica generosos 30 minutos de introdução e descrição de sua rotina. Apenas passado este segmento, aparecem na tela o título e os créditos. A narrativa se inicia, de fato, com o chamado à aventura.

Deserto Particular (2021) converte esta jornada num



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Cena de 'Deserto Particular': o mais belo filme de Aly Muritiba, construído a partir de escolhas estéticas coesas e expressivas, calibradas às necessidades da trama

road movie melancólico, marcado por impressionante tratamento estético. O diretor Aly Muritiba apresenta seu filme mais bonito até hoje, não no sentido de uma beleza vaidosa, que chame atenção a ela mesma e às habilidades de seu criador, e sim de escolhas estéticas coesas e expressivas, calibradas às necessidades da trama. As luzes contrastadas na casa do protagonista, os neons nas casas noturnas baianas e os tons crepusculares em barcos e represas desenharam um teor onírico, de uma letargia sensual.

Em se tratando de uma história de violências - policial, de gênero, sexual -, a obra surpreende pelo caráter carinhoso, propenso à contemplação, porém sem esticar a duração dos planos pelo simples prazer de fazê-lo. A montagem desenha um ritmo impecável, tão fluido quanto dinâmico, ao longo de duas horas de duração. Com exceção de uma única cena, com Flávio Bauraqui, repleta de estranhos cortes e escolhas de enquadramento, o restante transparece impecável trabalho de enquadramentos, profundidade de campo, luz natural e artificial. A articulação dos sons, valorizando tanto os ruídos locais quanto o silêncio e a trilha sonora (destaque para a balada "Total eclipse of the heart"), impressiona pelo rigor aliado à naturalidade.

O trabalho de atuações acompanha o alto nível da produção. Muitos atores aproveitariam um personagem como Daniel (policial bruto, musculoso, homofóbico, filho de militares) para efetuar uma composição exagerada, truculenta. Ora, Saboia opta pelo caminho da introversão, no qual o ímpeto agressivo se mistura à dose generosa de melancolia. Aos poucos, ele abandona os elementos de potência e masculinidade: a farda, o revólver, o carro deixado de lado, o rígido gesso no braço.

O ator evita o maniqueísmo para compor um policial despidido, nos

▶ sentidos literal e figurado, procurando acolhimento ao invés de redenção. Se habitasse uma produção hollywoodiana, o herói terminaria a narrativa incorporado de volta ao batalhão, recebendo alguma condecoração valiosa.

Já o drama brasileiro, em chave menor, promove uma revolução interna, compartilhada apenas com o espectador. As pessoas ao redor - o pai, a irmã, os amigos do trabalho - jamais conhecerão sua revolução interna. Frente a ele, Pedro Fasanaro combina o corpo esguio e a voz doce com a capacidade de resistência que nunca se confunde com martírio. Robson conhece suas limitações na sociedade conservadora, mas explora as brechas possíveis. Trata-se de duas figuras falhas, solitárias e carentes, que se atraem graças às diferenças, ao invés das semelhanças. Eles se agarram porque, sozinhos, naufragariam.

Tamanho cuidado com as imagens, o ritmo e os atores se confrontam à curiosa aventura LGBTQIA+ que se esforça ao máximo para não ser reconhecida enquanto tal. Embora metade dos personagens sejam gays, lésbicas e travestis, a divulgação oculta esse fator essencial (que nem chega a constituir uma grande revelação na trama), ao passo que a *mise en scène* dispensa as ferramentas específicas da estética *queer*.

Em 2020, *Vento Seco* também se voltou ao Brasil profundo para imaginar a aproximação afetiva e sexual entre homens alheios às normas sociais. No entanto, Daniel Nolasco abraçava o imaginário fetichista, multicolorido, voltado à representação particular do desejo entre dois homens. Aqui, a questão de afetividades homo e trans se torna singela ao ponto do mutismo: os personagens evitam termos como gay, travesti e transexual ("O que eu sou?", pergunta Sara/Robson ao atônito Daniel, que se cala), perambulando por um mundo de tristezas mais próximo dos encontros de *Paris, Texas* (1984) do que de uma elaboração orgulhosamente subversiva.



Filme é uma narrativa sobre indivíduos LGBTQIA+, na qual suas subjetividades não permeiam a estética, nem dominam o ponto de vista

Trata-se de uma narrativa sobre indivíduos LGBTQIA+ na qual suas subjetividades não permeiam a estética, nem dominam o ponto de vista - o protagonismo se atém à figura do homem branco e cisgênero, humanizado após o contato com as diferenças. As duas cenas de sexo refletem este comedimento: quando se relaciona com uma mulher, a imagem fica à vontade para flagrar corpos e a nudez. Chegada a vez do sexo entre dois homens, a porta se fecha em frente à câmera, expulsando o público.

Outro elemento incomoda, em termos de verossimilhança: o fato de o protagonista jamais desconfiar que sua amada não fosse uma mulher cisgênero. Caso ele sempre soubesse disso, mas recalcesse esta evidência, o conflito seria justificado pela homo-transfobia internalizada. Ora, a surpresa com a genitalidade de Sara soa improvável ao homem que conversava com ela e trocava fotos nuas durante longos meses antes do encontro presencial. Este poderia ser um detalhe,

entretanto, o conflito possui um papel importantíssimo no longa-metragem.

Deserto Particular oferece às figuras marginais um olhar hétero e cis, pleno de carinho e respeito - vide a irmã lésbica e o amigo gay, interpretado brilhantemente por Thomás Aquino. Talvez Muritiba minimize o impacto da alteridade na estética para torná-lo acessível ao público amplo, que terá contato com a pluralidade sexual e de gênero sem buscá-la deliberadamente, encontrando apenas uma bela história de amor - algo que Hoje Eu Quero Voltar Sozinho (2014) conseguiu fazer em sua época, quebrando a barreira da obra voltada a um nicho. De qualquer modo, o autor permite que a jornada física permeie a jornada emocional, num fluxo vertiginoso de imagens e sons. A ambientação intoxicante, no melhor sentido possível, vale a experiência de um filme que se abre ao mundo lá fora, sem tentar falar em seu nome. ✦

Bruno Carmelo é crítico de cinema desde 2004, membro da Abraccine (Associação Brasileira de Críticos de Cinema). Mestre em teoria de cinema pela Universidade Sorbonne Nouvelle - Paris III. Tem textos no AdoroCinema, Le Monde Diplomatique Brasil e Rua - Revista Universitária do Audiovisual. É professor de cursos sobre o audiovisual e autor de artigos sobre o cinema e editor do Papo de Cinema, onde esta crítica foi publicada originalmente.

16º FEST ARUANDA DO AUDIOVISUAL BRASILEIRO

DE 09 A 15 DE DEZ.

CINÉPOLIS (MANAÍRA SHOPPING) & PLATAFORMA ARUANDA PLAY

Quinta, dia 9/Dez.

Sala 9 - MACRO XE 9 – CINÉPOLIS (Manaíra Shopping)

19h30 – Solenidade de Abertura Oficial do 16º Fest Aruanda.

Homenagens: Ao Maestro, Regente e Compositor José Siqueira (*In Memoriam*) e ao ator e escritor W. J. Solha (Pelo Conjunto da Obra) com a entrega dos troféus do Fest Aruanda

Filmes de abertura:

Homenagem - 20 anos

Curta-metragem:

A Canga, de Marcus Vilar (Fic., PB, 2001, 12min.)

Longa-metragem

A Viagem de Pedro, de Laís Bodanzky (Fic., Brasil, Portugal, 2021, 1h38 min.)

FOTO: DIVULGAÇÃO



A Viagem de Pedro

Sexta-feira, dia 10/Dez.

Transmissão via LIVE (YouTube e Facebook do Fest Aruanda):

09h00 – Diálogos Audiovisuais Aruanda-Cagepa I:

Mesa de Homenagem: Maestro, compositor e regente José Siqueira - *Da oração da música clássica aos orixás da musicalidade religiosa afro-brasileira*

W. J. Solha: Ator, escritor, roteirista, dramaturgo e diretor - *Multiplicidade de papéis que irrigam, aguçam e iluminam fazeres artístico-literários polissêmicos.*

Com Rodrigo T. Marques (cineasta), Josélia Vieira (pianista), Fernando Teixeira (ator), Marcus Vilar (cineasta).

Mediação: Lúcio Vilar (Fundador e Produtor Executivo do Fest Aruanda)

10h00 - Diálogos Audiovisuais Aruanda-Cagepa II:

Debate com os diretores do curta e do longa-metragem exibidos na abertura, Marcus Vilar, Laís Bodanzky, a atriz Rita Wainer e a historiadora e escritora Mary Del Priore

Mediação: Amilton Pinheiro (Curador e diretor artístico do Fest Aruanda)

11h00 – Conferência de Abertura do 16º Fest Aruanda:

Sétima Arte, 126 Anos - O Futuro das Salas de Cinema na Era do Streaming e na Pós-Pandemia

Conferencista: Dr. Luiz Gonzaga de Luca (Presidente da Cinépolis Brasil)

Mediação: Marcus Mello (Jornalista, crítico de cinema e mediador do Fest Aruanda)

Sala 9 - MACRO XE – CINÉPOLIS (Manaíra Shopping)

10H00

Mostra Caleidoscópio Universitário

Produção Audiovisual da UFPB

15h00

Sessão Especial (Homenagem): Ao ator e escritor W. J. Solha

Longa-metragem:

O Som ao Redor, de Kleber Mendonça Filho (Fic., PE, 2012, 2h12min.)

18h00

Sessão Especial:

Curta-metragem:

3 é 5, de Pedro Castelo Branco (Doc., SP, 2021, 13 min.)

Longa-metragem:

Deserto Particular, de Aly Muritiba (Fic., PR, 2021, 2h00)

21h30

Mostra Competitiva Nacional:

Curta-metragens:

Animais na Pista, de Otto Cabral (Fic., João Pessoa/PB, 2021, 13:09) e *Cabidela's Bar*, de Tadeu de Brito (Fic., João Pessoa/PB, 2021, 17:18)

Longa-metragem: *A Felicidade das Coisas*, de Thais Fujinaga (Fic., SP/MG, 2021, 1h27min.)

Sábado, dia 11/Dez.

Transmissão via LIVE (YouTube e Facebook do Fest Aruanda)

09h00 – Diálogos Audiovisuais Aruanda-Cagepa I

Debate com os diretores dos curtas-metragens exibidos na sexta:

Mediação: Amilton Pinheiro (Curador e diretor artístico do Fest Aruanda)

10h00 – Diálogos Audiovisuais Aruanda-Energisa II

Debate com os diretores dos longas-metragens exibidos na sexta
Mediação: Marcus Mello (Jornalista, crítico de cinema e moderador do Fest Aruanda)

Sala 9 Macro XE - 9, Cinépolis - Manaíra Shopping

11h00

Sessão Especial: Cine Aruandinha (Filmes Infanto-juvenis)

15H30

Sessão Especial CAGEPA (Homenagem): Ao Maestro, compositor e regente José Siqueira (*In Memoriam*)

Longa-metragem: *Toada Para José Siqueira*, de Eduardo Consonni e Rodrigo T. Marques (Doc., RJ, 2021, 1h32min.)

18H00

Mostra Competitiva Sob o Céu Nordestino:

Curta-metragens:

Tecendo Histórias, de Diego Pontes (Doc., Boqueirão/PB, 2021, 7:33) e *Adarrum*, de Thomas de Freitas (Fic., João Pessoa/PB, 2020, 14:44)

Longa-metragem: *Miami-Cuba*, de Caroline Oliveira (Doc., PB, 2021, 1h34min.)

19h00

Lançamento de Livro:

Paulo Pontes: a arte das coisas sabidas, de Paulo Vieira

Editora União (Funesc).

Reedição: 2021

Local: Local: Foyer da Área VIP - Cinépolis (Manaíra Shopping)

21h00

Mostra Competitiva Nacional:

Curta-metragens:

Coleção Preciosa, de Rayssa Coelho e Filipe Gama (Doc., Vitória da Conquista/BA, 2021, 15:00) e *Aurora – A Rua Que Queria Ser Um Rio*, Radhi Meron (Animação, SP, 2021, 10:00)

Longa-metragem:

Salamandra, de Alex Carvalho (Fic., Brasil, França, Alemanha, 2021, 2h00)

Domingo, dia 12/Dez.

Sala 9 - MACRO XE 9 – CINÉPOLIS (Manaíra Shopping)

11h00

Sessão Especial: Cine Aruandinha (Filmes infanto-juvenis)

15H30

Sessão Especial ENERGISA/Première Nacional:



Longa-metragem:

A Queda, de Diego Rocha (Fic., MG, 2021, 2h00)
18H00

Mostra Competitiva Sob o Céu Nordestino:

Curtas-metragens:

Flor de Quintal, de Mercicleide Ramos (Animação, João Pessoa/PB, 2021, 14:44) e *Noite no Sítio*, de Lucas Machado (Fic., Bananeiras/PB, 2021, 6:04)

Longa-Metragem: *Fendas*, de Carlos Segundo (Fic., RN, 2019, 1h18min.)

21H00

Mostra Competitiva Nacional:

Curtas-metragens:

Sideral, de Carlos Segundo (Fic., RN, 2021, 15:00); *O Pato*, de Antônio Galdino (Fic., Alagoa Grande/PB, 2021, 11:16); *Yabá*, de Rodrigo Sena (Fic., RN, 2021, 12:31) e *Inventário do Corpo*, de Alini Guimarães e Jonathan Bão (Doc., SP, 2021, 10:32)

Longa-metragem:

Bob Cuspe – Nós Não Gostamos de Gente, de Cesar Cabral (Animação, SP, 2021, 1h30min)



FOTO: DIVULGAÇÃO

Bob Cuspe – Nós Não Gostamos de Gente

Segunda, dia 13/Dez.

Transmissão via LIVE (YouTube e Facebook do Fest Aruanda)

09h00 – Diálogos Audiovisuais Aruanda-Cagepa I

Debate com os diretores dos curtas-metragens exibidos no sábado e domingo:

Mediação: Amilton Pinheiro (Curador e diretor artístico do Fest Aruanda)

10h00 – Diálogos Audiovisuais Aruanda-Energisa II

Debate com os diretores dos longas-metragens exibidos no sábado e domingo:

Mediação: Marcus Mello (Jornalista, crítico de cinema e moderador do Fest Aruanda)

14h00 - Transmissão via LIVE (YouTube e Facebook do Fest Aruanda)

Painel: *Perspectiva negra no audiovisual - cinema paraibano e ações de impacto*

Com Camila de Moraes (Curadora e realizadora audiovisual/BA) e Carine Fiúza (realizadora audiovisual/PB).

Mediação: Jamarri Nogueira (Jornalista e crítico de cinema)

Sala 9 - MACRO XE 9 – CINÉPOLIS (Manaíra Shopping)

14h00

Competitiva Internacional Aruanda–Universidade Lusófona

União Europeia em Curta-Metragem

Adeus aos Livros – Dir. Diego Quinderé de Carvalho (Hungria, Portugal, Bélgica)

Bruxa – Dir. Faud Halwani (Portugal, Estónia e Reino Unido)

Sink Away – Dir. Felix Cognard (Portugal, Estónia e Reino Unido)

Tomorrow Island – Dir. Gwenn Joyaux (Portugal, Estónia e Reino Unido)

Wild Game – Dir. Jerónimo Sarmiento (Portugal, Estónia e Reino Unido)

16h30

Sessão Especial Première Universitária:

Minissérie Ficcional *O Sumiço de Santo Antonio* (TV UFPB)

Dir.: Cely Farias e Valeska Picado

18H00

Mostra Competitiva Sob o Céu Nordestino:

Curtas-metragens:

Terra Vermelha, de Allan Marcus e Leonardo Gonçalves (Fic., Alagoa Grande/PB, 2021, 15:35) e *Incúria*, de Tiago A. Neves (Ficção, Cabedelo/PB, 2021, 13:32)

Longa-metragem:

A Praia do Fim do Mundo, de Petrus Cariry (Fic., CE, 2021, 1h28min.)



FOTO: DIVULGAÇÃO

Capitu e o Capítulo

21H00

Mostra Competitiva Nacional:

Curtas-metragens:

Foi Um Tempo de Poesia, de Petrus Cariry (Doc., CE, 2021, 13:01),

Ele Tem Saudade, de João Campos (Fic., Brasília/DF, 2021, 12:34) e *Entre*

Muros, de Gleison Mota (Fic., Feira de Santana/BA, 2021, 15:01)

Longas-metragem:

Capitu e o Capítulo, de Júlio Bressane (Fic., RJ, 2021, 1h16min.)

Terça, dia 14/Dez.

Transmissão via LIVE (YouTube e Facebook do Fest Aruanda)

09h00 – Diálogos Audiovisuais Aruanda-Cagepa I

Debate com os diretores dos curtas-metragens exibidos na segunda-feira:

Mediação: Amilton Pinheiro (Curador e diretor artístico do Fest Aruanda)

10h00 – Diálogos Audiovisuais Aruanda-Energisa II

Debate com os diretores dos longas-metragens exibidos na segunda-feira;

Mediação: Marcus Mello (Jornalista, crítico de cinema e moderador do Fest Aruanda)

11h00 - Mesa de Homenagem: Cristina Amaral (Montadora) e Ely Marques (Editor e diretor/*In Memoriam*)

Mesa: João Carlos Beltrão (diretor de fotografia); Cristina Amaral (Montadora)

Mediação: Camila de Moraes (Diretora, curadora e membro do Comitê de Seleção de Curtas-Metragens Nacional do Fest Aruanda)

Sala 9 - MACRO XE 9 – CINÉPOLIS (Manaíra Shopping)

13h00:

Sessão Especial (Homenagem): A montadora Cristina Amaral

Longa-metragem:

Garotas do ABC, de Carlos Reichenbach (Fic., SP, 2003, 2h11min.)

14h00 - Núcleo Memória e Preservação Audiovisual do Fest Aruanda

Painel: *'O País de São Saruê' - 50 Anos - A exaustiva e fascinante magia de editar um documentário.*

Com Marília Franco (ECA-USP), Vladimir Carvalho (Documentarista) e José Maria Lopes (Especialista em restauração cinematográfica)

Mediação: Lúcio Vilar (Fundador e Produtor Executivo do Fest Aruanda).



(O filme 'O País de São Saruê' estará disponível para acesso na Plataforma AruandaPlay durante todo o período do festival.)

15h30

Sessão Especial Cinépolis:

Longa-metragem:

A Mãe de Todas as Lutas, de Susanna Lira (Doc., RJ, 2021, 1h24min.)

16h00

(VIA CANAL DO FEST ARUANDA NO YOUTUBE)

SESSÃO CGU - 5º CONCURSO DE VÍDEO '1 MINUTO CONTRA A CORRUPÇÃO' - Debate e solenidade de premiação (com exibição dos vencedores).

18h00

Mostra Competitiva *Sob o Céu Nordestino*:

Curta-metragem:

O Que os Machos Querem, de Ana Dinniz (Ficção, João Pessoa/PB, 2021, 8:35) e *Boysin*, de R.B. Lima (Fic., João Pessoa/PB, 2021, 15:00)

Longa-metragem:

Transversais, de Emerson Maranhão (Doc., CE, 2021, 1h25min.)

Mostra Competitiva Nacional:

Curta-metragem:

Hortelã, de Thiago Furtado (Fic., PI, 2021, 12:31)

Longa-metragem:

Madalena, de Madiano Marcheti (Fic., MS, 2021, 1h26min.)

Transmissão via LIVE (YouTube e Facebook do Fest Aruanda)

09h00 – Diálogos Audiovisuais Aruanda-Cagepa I

Debate com os diretores dos curtas-metragens exibidos na terça-feira:
Mediação: Amilton Pinheiro (Curador e diretor artístico do Fest Aruanda)

10h00 – Diálogos Audiovisuais Aruanda-Energisa II

Debate com os diretores dos longas-metragens exibidos na terça-feira;
Mediação: Marcus Mello (Jornalista, crítico de cinema e moderador do Fest Aruanda)

11h00 - Mesa de Homenagem: Ao Othon Bastos (pela carreira no cinema, no teatro e na televisão)

Mediação: Amilton Pinheiro (Curador e diretor artístico do Fest Aruanda)

Convidados: Othon Bastos, Júlio Bressane (Diretor) e Zé Carlos Machado (Ator)

Sala 9 - MACRO XE 9 – CINÉPOLIS (Manaira Shopping)

10H00

Mostra Caleidoscópio Universitário

(Produções em Curta-Metragem dos alunos dos cursos de Mídias Digitais e Cinema da UFPB)

14H00

Sessão Especial (Homenagem): Ao ator Othon Bastos

Longa-metragem:

O Paciente – O Caso Tancredo Neves, de Sérgio Rezende (Fic., RJ, 2018, 1h40min.)

19h00

Lançamento de Livro:

Ney Matogrosso, a biografia, de Júlio Maria

Editora Companhia das Letras

1ª edição (2021)

Local: Foyer da Área VIP - Cinépolis (Manaira Shopping)

19h30

Sessão de Encerramento e Premiação:

Homenagem a Othon Bastos com a entrega do Troféu Fest Aruanda pelo Conjunto da Obra como Ator de Cinema, teatro e televisão.

Filmes de Encerramentos:

Curta-metragem:

Caramujo-Flor, de Joel Pizzini (Fic., RJ, 1988, 20min.)

Longa-Metragem:

Ney, À Flor da Pele, de Felipe Nepomuceno

(Fic., RJ, 2021, 1h13min.)

Solenidade de Premiação

Quinta, 15/Dez.

Transmissão via LIVE (YouTube e Facebook do Fest Aruanda)

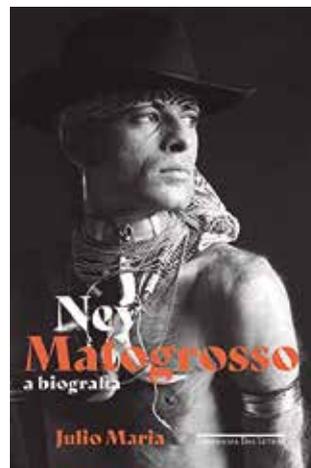


IMAGEM: REPRODUÇÃO

10h00 – Diálogos Audiovisuais Aruanda-Cagepa I

Debate com os diretores do curta e do longa-metragem de encerramento:

Mediação: Amilton Pinheiro (Curador e diretor artístico do Fest Aruanda)

PLATAFORMA ARUANDA PLAY

Confira no site do festival (festaruanda.com.br) programação (sessões e horários) dos filmes das mostras competitivas e especiais que também serão exibidos na **Plataforma AruandaPLAY**. Como brinde especial, este ano, os títulos abaixo relacionados, ficarão disponíveis ao público para acesso durante todo o festival. São eles:

- Aniversário de 50 Anos:

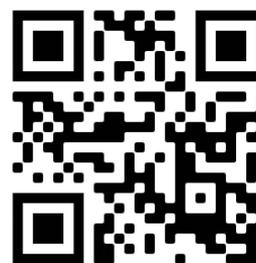
O PAÍS DE SÃO SARUÊ (Doc, PB, 1971, 90 min.) – Dir. Vladimir Carvalho

- Aniversário de 20 anos:

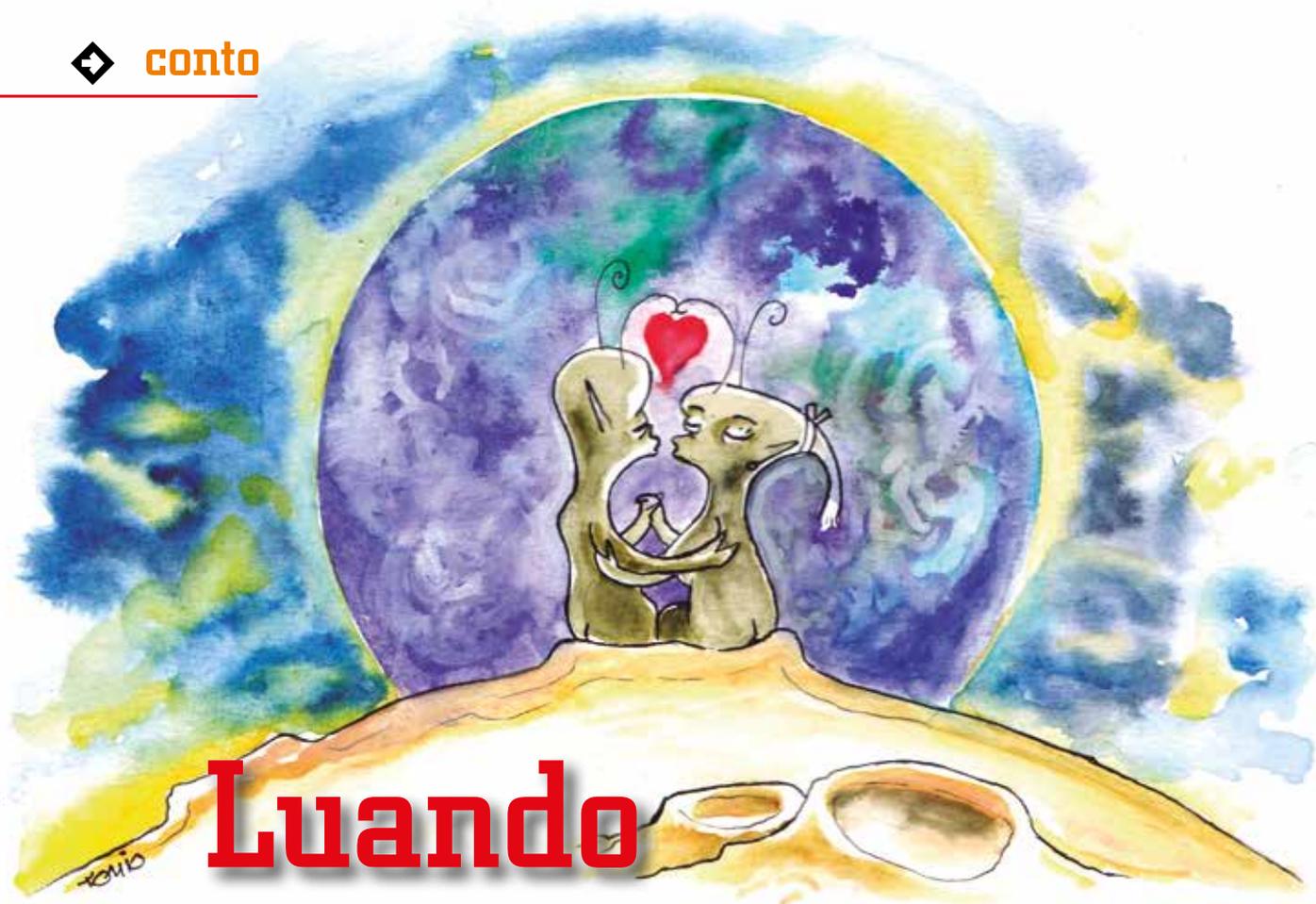
A CANGA (Fic, 2001, 12min, PB) – Dir. Marcus Vilar

- Estreia na Paraíba:

TOADA PARA JOSÉ SIQUEIRA (Doc, RJ, 2021, 1h32min.) – Dir. Eduardo Consonni e Rodrigo T. Marques



Através do QR Code, acesse o site oficial do Fest Aruanda.



Eduardo Kugler
Especial para o *Correio das Artes*

Um casal de jovens lunáticos costumava trocar juras de amor sob a intensa luz azulada refletida do planeta terra. Os dois enamorados escolhiam sempre a fase Terra Nova, mais inspiradora e romântica, para ficarem horas a fio enfeitados pela beleza do distante planeta.

Porém, o encantamento vinha cercado de muitos mistérios. Ela sonhava um dia tripular uma nave e viajar até aquele mundo desconhecido. Seria possível?

Temendo perdê-la, o lunar tentava dissuadi-la com argumentos apavorantes. Dizia com toda convicção que aquele astro não era esférico, e por ser plano com perigosas bordas não era difícil se escorregar para o precipício da vastidão do universo.

Dizendo-se cuidadosa, prometia só andar pelo meio. Que isso não ia demovê-la da curiosidade de dominar os seus passos e movimentos, sem flutuar, e o desejo obcecado de conhecer árvores, florestas, plantas, flores, águas, rios, cachoeiras, mares, oceanos, passarinhos e animais de todos os tipos.

-Como sabe disso tudo? – espantou-se.

-O extralunar Neil Armstrong revelou as ma-

ravilhas do seu planeta aos nossos antepassados quando esteve aqui.

-Existem controvérsias sobre a tal visita. Inventaram essa história. Não passou de um Ovnis.

-Então como se explica o nome dele?

-Isto foi há mais de setecentos anos lunares! (equivalente a cem anos terrestres) - Rebatia o namorado.

-Tanto melhor! Imagino o quanto aquela civilização evoluiu e como hoje deve estar melhor para se viver lá.

-Bobagem! Nada destas coisas existem mais. Tudo destruído! Queimadas, desmatamentos, poluição... O planeta está morto. A sua população desapareceu – esperava convencê-la definitivamente.

Nesse momento ela começou a chorar compulsivamente. Desiludida com as sórdidas mentiras que acabara de ouvir decidiu romper o namoro. Voou aos prantos até a uma gigantesca pedra que ocultava uma passagem secreta e a removeu sem nenhuma dificuldade. Desceu ao interior da lua, onde morava, resolvida nunca mais voltar à superfície para admirar o planeta azul. ❖

Eduardo Kugler é artista plástico e escritor. Ex-professor de Arte na Escola de Arte e Design (São Paulo). Mora em Itariri (SP).



Laércio Ferreira Filho, com a Fazenda Acauã ao fundo: "O cinema tem uma força incrível no interior e tem gerado grandes realizadores com filmes que falam de histórias do nosso povo e da cultura sertaneja"

Mostra Acauã:

dez anos incentivando a cultura cinematográfica na Paraíba

Alexsandra Tavares

lekajp@hotmail.com

Há cerca de 10 anos, o município de Aparecida, no Sertão paraibano, atualmente com cerca de 8,5 mil habitantes, recebia pela primeira vez um evento audiovisual que surgiu da implantação do Ponto de Cultura Caminhos de Acauhan, uma parceria da ONG Acauã Produções Culturais com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). A ideia dos organizadores era ser uma janela de exibição voltada aos filmes paraibanos, bem como oferecer oficinas formativas para a população local, que desde aquela época despontava como fazedores de arte.

Ali nascia a Mostra Acauã do Audiovisual Paraibano, que ganhou força e, ao longo dos 10 anos de realização, completados este ano, já apresentou à sociedade centenas de filmes. O encontro anual movimentava a economia da região, é palco de debates sobre o mercado cinematográfico, estimula o apreço pelo cinema e é gerador de uma consciência crítica sobre as produções artísticas, consolidando-se como um relevante encontro cultural da Sétima Arte no Estado.

"O município de Aparecida é um dos grandes produtores de arte no Sertão da Paraíba. Desde a época em que era distrito que se produz teatro, poesia, danças

folclóricas e artesanato. Há 15 anos, vem produzindo filmes de excelente qualidade, inclusive premiado em vários festivais no Brasil e no exterior. Daí a cidade virou este ponto de encontro de artistas e fazedores de cultura", declarou o produtor cultural, roteirista, cineasta e um dos coordenadores da Mostra Acauã, Laércio Ferreira Filho.

Segundo ele, na primeira edição, em 2010, o projeto, ainda modesto, trouxe apenas seis filmes e só a partir da terceira edição é que foi ampliado. Como não foi possível executar o evento em 2018 (por falta de investimento) e em 2020 (devido à pandemia), este ano foi concretizada a 10ª edição, que reuniu cerca de 20 filmes, duas oficinas de formação, palestra e apresentações musicais nas quatro noites de exibições.

Laércio explicou que a escolha dos filmes apresentados passa por

uma curadoria que considera produções de todas as regiões da Paraíba, atentando para temas sociais, ambientais e culturais em discussão na atualidade. Esse conjunto de obras gera relevantes pautas para serem debatidas entre os realizadores e o público.

Durante uma década, o evento vem conseguindo se manter graças à luta e empenho de cada pessoa envolvida no processo, porque trabalhar com o audiovisual, direta ou indiretamente, não é uma tarefa das mais fáceis no Brasil. Aliás, as dificuldades do mercado são abordadas nas atividades que ocorrem durante a mostra. “Além da exibição dos filmes, realizamos sempre oficinas de formação e debatemos os avanços e as dificuldades existentes no processo de produção, principalmente a necessidade de editais de apoio e incentivo, e espaço de divulgação nos meios de comunicação do estado”, destacou Laércio.

As dificuldades para se atuar no campo cultural no país, seja em qualquer atividade, é um verdadeiro desafio. No caso da Paraíba, especificamente, o cineasta frisou que os realizadores audiovisuais “têm de usar muita criatividade, fechar parcerias entre diretores, técnicos e produtores, para tentar manter a produção ativa”.

A boa nova é que potencialidades não faltam nos municípios paraibanos, mas “nem sempre há mercado para essa produção”. A maioria dos filmes tem, nos festivais, a única janela para exibição e divulgação de suas obras. “Precisamos de salas de cinema em todo o estado que possam exibir, além de filmes comerciais, as produções locais com a mesma estrutura e divulgação dos demais”, reivindicou o cineasta.

Enquanto não chegam as grandes divulgações e investimentos para a Sétima Arte, a Mostra Acauã do Audiovisual Paraibano segue fazendo seu papel de estimular a arte no interior paraibano, um dos recantos brasileiros considerado um verdadeiro celeiro de artistas nas mais variadas áreas.

“O cinema tem uma força incrível no interior, e tem gerado grandes realizadores com filmes que falam de histórias do nosso povo e da cultura sertaneja. A Mostra Acauã tenta incentivar estes artistas a produzirem suas histórias. Assim, as memórias do interior vão ficando registradas e divulgadas mundo afora. Creio que está mais do que na hora de vermos a Paraíba como um Estado cultural como um todo, da capital ao interior”, completou Laércio.

FORTALECIDO EM SUA 10ª EDIÇÃO, EVENTO REUNIU REALIZADORES DE VÁRIAS PARTES DA PARAÍBA

A 10ª edição da Mostra Acauã do Audiovisual Paraibano reuniu realizadores como Diansis Pires, Maycon Carvalho e Janduy Acendino, somente para citar exemplos de diretores da cidade de Aparecida e municípios próximos. O evento também não se furtou de contemplar obras de artistas de outras regiões como Lúcio César, de João Pessoa, Sílvio Toledo, de Campina Grande, e Eduardo P. Moreira, de Cabedelo.

FOTO: MARAISA QUINTINO/DIVULGAÇÃO



Mostra Acauã procura incentivar produções para que as memórias do interior sejam registradas e divulgadas

Selecionada pela chamada pública Festivais de Audiovisual da Paraíba, lançado pela Secretaria de Estado da Cultura (Secult-PB), em fevereiro de 2020, por meio da Lei Rouanet e da Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, sendo patrocinada pela Cagepa, a mostra contou com mais apoio nesta edição comemorativa de 10 anos. Os organizadores puderam, por exemplo, incrementar alguns serviços oferecidos aos participantes. “Percebi que este ano a acomodação e alimentação dos participantes melhorou bastante. Houve época em que Laércio Ferreira Filho teve de tirar dinheiro do próprio bolso para realizar a mostra. Isso nunca tirou a grandeza do evento, mas é importante ter investimento e apoio”, declarou o documentarista Cláudio Brito, um dos participantes do encontro.

Mais fortalecido, o projeto conseguiu custear a estadia e a alimentação dos diretores ou representantes de cada filme, coisa que era impraticável no início. Como disse o próprio cineasta Laércio Filho, atualmente o encontro se “configura numa grande celebração da vida e da arte em pleno Sertão paraibano. Um encontro de amigos e amantes das artes”.

Segundo ele, a edição de 2021 foi uma das melhores já realizadas, e vários fatores contribuíram diretamente para essa realidade. Uma delas foi a concretização da 10ª edição, uma marca do evento. “São 10 anos de resistência e muita persistência. Esta edição também homenageou os 30 anos de fundação da Acauã Produções Culturais, ONG que é responsável pela mostra, e por uma série de outros eventos artísticos-culturais no Sertão da Paraíba”, salientou.

Outro ponto relevante foi a retomada dos eventos presenciais, depois de quase dois anos de paralização por conta da pandemia. Laércio Filho destacou que, mais do que nunca, a equipe sentiu o quanto é importante e necessário estar junto, produzindo e também exibindo filmes, “trocando energias, comemorando a vida dos que permanecem aqui e recordando aqueles que, infelizmente, se foram, mas que deixaram suas enormes contribuições”.

Essa retorno, de acordo com ele, foi um dos pontos cruciais do sucesso deste ano. “Muito bom ver a força do cinema paraibano promovendo esta retomada e principalmente num ambiente que, pra nós, é sagrado que é a Fazenda Acauã, o reino de Ariano Suassuna no Sertão”.



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

ARTISTAS FORJADOS NO INTERIOR DA PARAÍBA

O documentarista e professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), Claudio Brito, participou pela quarta vez da Mostra Acauã do Audiovisual Paraibano. Este ano ele trouxe o filme *Ariano: Ilumiaras* (73 minutos, 2020). Para o documentarista, além de divulgar e lançar filmes paraibanos, revelar o dom que muitos fazedores de filme têm para o cinema, a mostra ainda contribui para a formação de profissionais do campo audiovisual.

“Muitos participantes da Mostra Acauã estão imersos em uma cultura cinematográfica criada pelo próprio evento, por meio de projeções de filmes e diversas oficinas (direção, roteiro, fotografia, figurino, cenografia, etc.), ou projetos voltados para a formação de mão de obra no campo audiovisual em cidades interioranas, como o Cinema no Interior, do cineasta pernambucano Marcos Carvalho. Então, esses novos talentos foram forjados no interior do Nordeste, a partir de iniciativas, muitas vezes individuais, de amantes da Sétima Arte”, destacou.

Claudio Brito afirmou que, se dependessem de mostras litorâneas, essas pessoas do interior teriam dificuldades de participar das oficinas e projeções, bem como do processo seletivo, em função do custo e preparo envolvidos no deslocamento.

O documentarista reforçou que o poder público “praticamente não

Habitué da mostra, o documentarista Claudio Brito apresentou, este ano, o filme ‘Ariano: Ilumiaras’: evento contribui para formação profissional do audiovisual no interior do Nordeste

investe na criação de mostras e oficinas audiovisuais”. E, geralmente, quando “ocorre investimento, por meio de editais, é uma ação cultural sempre esporádica, nunca permanente”.

“Portanto, a Mostra Acauã, apesar de toda a dificuldade financeira, nos últimos 10 anos é um exemplo de resistência cultural, pois ajuda a formar espectadores e profissionais do campo audiovisual, a partir de filmes que tratam de nossa realidade, de nossos sonhos e desafios futuros”.

O impacto da mostra não se concentra apenas na cidade de Aparecida, mas atinge moradores de municípios próximos, a exemplo de Sousa e de Pombal, que contemplam as exposições e participam das oficinas. Dessa forma, o evento ainda torna-se um disseminador do apelo pelo cinema e pela produção de filmes.

Segundo Brito, ainda é um espaço em que realizadores do Sertão, “como Laércio Ferreira Filho, J. França, Diassis Pires, Marcelo Paes de Carvalho, entre tantos outros, podem lançar suas obras” e, ao mesmo tempo, por meio de oficinas e palestras, contribuir para a disseminação de uma cultura cinematográfica nas pequenas cidades do Sertão paraibano.

VEJA OS FILMES QUE O DOCUMENTARISTA E PROFESSOR CLAUDIO BRITO LEVOU PARA A MOSTRA ACAUÃ NAS QUATRO EDIÇÕES QUE PARTICIPOU DO EVENTO:

Em 2013 - *Ariano: Suasunas* (131 minutos, 2013): O filme aborda a influência mútua entre o escritor Ariano Suassuna e vários membros de sua família, de distintas gerações, principalmente no campo das artes. Está dividido em três partes – A terra, O homem, A luta, numa clara referência à obra-prima *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, de importância crucial para melhor compreender o trabalho intelectual e artístico do autor *d’A Pedra do Reino*. O filme traz uma reflexão sobre o forte vínculo da Família Suassuna com o Sertão, e o compromisso perene e esperançoso de Ariano com a cultura e o povo brasileiro.

Em 2015 - *Pelo Caminho Sagrado: Andante* (81 minutos, 2015): Fala sobre o peregrino Antônio Conselheiro e suas obras arquitetônicas construídas entre Quixeramobim, no Ceará, e o Belo Monte (Arraial de Canudos), na Bahia.

Em 2016 - *Euclides: O Peregrino das Palavras* (100 minutos, 2016): A obra foi feita em homenagem aos 150 anos de nascimento do escritor Euclides da Cunha. O filme aborda o estilo singular de Euclides e sua obra maior, *Os Sertões*.

Em 2021 - *Ariano: Ilumiaras* (73 minutos, 2020): O filme fala sobre o conceito do neologismo “ilumiara” – “altar iluminado”, literalmente – na obra do escritor Ariano Suassuna. É o quarto documentário da *Pentalogia Suassuniana*. O quinto filme, *Ariano: Armorial*, deverá ser lançado em 2025.

O “REINO” DE ARIANO SUASSUNA NO SERTÃO

Desde a primeira edição, em 2010, a Mostra Acauã do Audio-visual Paraibano é realizada na Fazenda Acauã, propriedade que pertencia ao pai do escritor Ariano Suassuna, João Suassuna (assassinado em 1910). “A Fazenda Acauhan era seu Reino (de Ariano) no Sertão”, declarou o documentarista Claudio Brito.

Ao deixar o mandato de Presidente da Paraíba (1924-1928) – cargo equivalente ao de governador –, Suassuna retornou ao Alto Sertão do Estado. “Então, Ariano morou na fazenda entre 1928 e 1930. Após o assassinato de João Suassuna, a 9 de outubro de 1930, vítima de perseguições políticas, a sua família precisou se retirar da Paraíba, retornando somente em 1932, para morar em Taperoá”, acrescentou.

De acordo com o documentarista, os anos em que morou na fazenda marcaram profundamente a vida e a obra do escritor. Das cinco lembranças que ele tinha do pai, quatro estavam associadas à Acauhan: “numa delas, passeia com o pai às margens do Rio Piranhas, que passa em frente à fazenda, no pôr do sol; noutra, balança numa

rede com o pai, no alpendre da casa baixa”.

Numa terceira recordação, Ariano “vê o pai a colher um fruto da carnaubeira, que ficava em frente à casa; e, por último, lembra de estar sentado, na calçada da casa, no entardecer, e o vento a balançar a barra das calças do pai, que está ao seu lado”.

O documentarista afirmou que Ariano ainda guardava a lembrança do pai na cidade do Recife, no navio que levaria João Suassuna ao Rio de Janeiro, para desempenhar suas atividades como deputado federal. “No Rio, seria assassinado”, completou.

A fazenda também está bastante presente na obra suassuniana, por meio de uma transfiguração literária. No *Romance d’A Pedra do Reino*, é transformada na Fazenda Onça Malhada. Na torre da casa-forte, ocorre o enigmático assassinato de Dom Pedro Sebastião Garcia-Barreto, que permeia toda a narrativa do romance.

“Logo, considerando o vínculo afetivo, familiar e literário que liga Ariano Suassuna à Fazenda Acauhan, sentimo-nos agraciados, privilegiados, por exibir filmes

que retratam a vida e a obra desse grande artista brasileiro, no lar de sua primeira infância. A fazenda, para nós – eu e minha equipe –, é um lugar sagrado, mágico, que nos permite uma conexão mais profunda com o universo de Ariano. De todas as mostras que exibiram os nossos filmes, nenhuma nos emociona tanto como a Mostra Acauã”, confidenciou Claudio.

Patrimônio cultural - Conhecido atualmente como Sítio Histórico da Fazenda Acauã, o conjunto, datado de 1757, é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Segundo o cineasta e um dos organizadores do evento, Laércio Ferreira Filho, a propriedade é composta por uma Casa Grande, a Capela da Imaculada Conceição, em estilo Barroco; um Sobrado e casarios.

“Um verdadeiro tesouro histórico e arquitetônico da Paraíba, por onde passou Frei Caneca e foi morada de Ariano Suassuna, na sua infância”, ressaltou. O evento, “além de levar o nome da fazenda, também ajuda a divulgar este patrimônio e a atrair turistas para conhecer o interior da Paraíba”.

UMA VITRINE PARA A CIDADE

Além de ser um importante impulsionador da cultura na cidade de Aparecida e região, a mostra incrementa a renda dos moradores da região, atraindo turistas e também movimentando o comércio. Segundo os organizadores do evento e a Prefeitura da cidade, o encontro tem um impacto relevante na economia do local.

“Este ano, por exemplo, ocupamos todos os quartos da pousada de Aparecida. Recebemos um número muito significativo de pessoas de outros municípios que consomem alimentos, bebidas, combustíveis e compram artesanatos, livros e outros produtos culturais produzidos na cidade. Além de tudo isso, tem a autoestima do povo que fica elevada com

a divulgação da cidade de forma positiva”, destacou o cineasta Laércio Filho.

O prefeito de Aparecida, João Neto, confirma as contribuições que a iniciativa traz à economia do município, ressaltando que a Mostra Acauã se mantém ao longo de 10 anos divulgando, para o Brasil e o mundo, as “riquezas culturais” da cidade, sobretudo a centenária Fazenda Acauã: “que é o nosso maior tesouro histórico, cultural e arquitetônico”.

João Neto declarou que, além das exposições cinematográficas, que ocorrem em Aparecida, a mostra também promove exposições fotográficas, venda de produtos artesanais e realiza shows musicais,

oportunizando os artistas da terra. “É uma verdadeira vitrine para as artes e a cultura do município de Aparecida”, completou.

Ele declarou que nesse primeiro ano em que está à frente da Prefeitura, colocou toda a gestão “à disposição para contribuir na logística do evento”. Entre as ações realizadas, ele citou a limpeza do Conjunto Histórico da Fazenda Acauã e a oferta de transporte para as pessoas trafegarem pelo interior da fazenda nos dias de exposições. “Fizemos questão de estarmos presentes, dividindo todas as alegrias e potencialidades desta mostra que tanto orgulha a cidade de Aparecida”, salientou Neto. ■

Alexsandra Tavares é jornalista, repórter do Jornal A União e do Correio das Artes. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

Antonio Morai

Hozanete

Quantos não diziam
 Que eras difícil, impulsiva, intratável,
 Que eras rigorosa, inflexível,
 Que eras, às vezes, sobranceira,
 Que eras apenas certezas,
 Que eras recalcitrante, intolerante!?

Fiquei achando que só tinhas defeitos.

De-repente-a-noite-universal-visita-a-família-
 Sem-mandar-telegrama
 E te rouba os terríveis todos defeitos,
 E tu ficaste tão silenciosamente boa,
 tão insuportavelmente tolerante,
 na tua indiferença!

(Morrer desnasce a verdade?
 Recordar esquece a memória?)

Mas eu queria mesmo os teus defeitos
 Em carne-viva,
 a fratura exposta dos teus defeitos,
 a bondade infinita da tua intolerância
 toda a vida.

A pródiga ausência

E me coube, do espólio,
 Esta descoberta dívida:
 Nunca ter lido teus signos
 Antes do dobrar dos sinos.

Hoje, vestígios falidos,
 Que o abraço se faz ínvio,
 Revela-se o segredo fino:
 O afeto à sombra do esquivo.

Da especulação do exílio
 (Dever e haver confundidos),
 Restam-me moras de Sísifo:
 Esta sagração de filho.

**Minha mãe**

Se A querias Tua, Senhor,
 Por que Dela fizeste
 Fiapo meu de luz
 Na sombria infância,
 Delicada canção doando-me,
 Em tanta noite, o sonho?

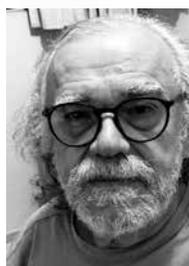
Por que a infinita oferta provisória:
 Tanto delicado afeto amplificado
 Na pudicícia de cada gesto,
 Quanto mais discreto,
 De mais iniludível amor?

Por que, Senhor,
 A partilha,
 Como se mera matéria fora
 Para fátua prestidigitação
 Da natureza, do acaso, ou Tua?

Mas não A levaste de mim,
 Que mais que morto perambulo,
 Espectral Ashverus, só
 Para que Ela viva em mim.

Inútil o dedo inexorável do Eterno
 Tentar deliquescer minhas raízes
 De Pessoa e Carvalho:
 Indelével, Sua blandícia,
 Esta me Nina em mim.

is de Carvalho



ANTONIO MORAIS DE CARVALHO é autor de 'Persona' e 'Jogo de Sentidos', livros de poemas. Foi aqui, no Correio das Artes, sob a direção de Jurandy Moura, que ele publicou, pela primeira vez, seus poemas.

Arte, técnica e esportes



Discóbolo, a famosa estátua grega atribuída a Mirón

Nas Olimpíadas realizadas este ano, um comentarista brasileiro associou a evolução da técnica do arremesso de disco ao estudo detalhado do Discóbolo, a famosa estátua grega atribuída a Mirón que data do século 5 a.C. Não sei se a informação procede ou é uma pequena confusão com a influência direta que a obra teve em outro esporte: o fisiculturismo, no qual até hoje atletas hipertrofiados, besuntados de óleo corporal, utilizam a postura consagrada do homem nu, na iminência de lançar o disco, como um dos exercícios que servem de parâmetros para os jurados avaliarem seu desempenho.

Tendo ou não relação com a maneira como o esporte é praticado hoje, o Discóbolo é, além de uma peça que representa a transição entre os estilos do Período Arcaico (800 a 500 a. C.) ao Período Clássico (500 a 338 a. C.), um dos elos evidentes entre a arte e o esporte — essas duas aptidões humanas que talvez sejam as únicas ainda capazes de nos convencer da grandeza e não da absoluta pequenez de nossa espécie.

Um elo que nos revela preocupações e até vocabulários comuns, a ▶

Artistas e esportistas — criaturas que, por seus feitos incríveis, parecem aproximar-se dos deuses ou terem sido tocados pelo dedo divino

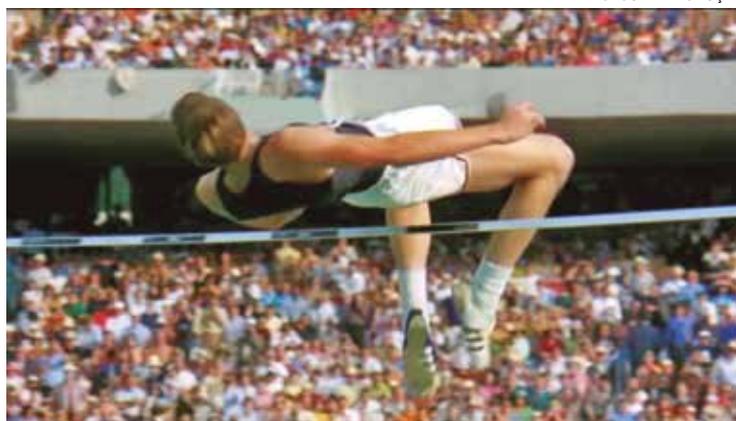
◆ ao rés da página

♦ exemplo da inspiração e da técnica: duas palavras que sempre costumam nos rondar quando falamos de artistas e esportistas — criaturas que, por seus feitos incríveis, parecem aproximar-se dos deuses ou terem sido tocados pelo dedo divino (para usar uma metáfora até bastante recorrente no jargão dos comentaristas esportivos).

Quantas vezes você já não ouviu que tal jogador de futebol é um “artista” das quatro linhas ou que seu gol foi uma “pintura”, na transmissão de algum jogo de futebol? Há, inclusive, uma ótima propaganda de um canal esportivo ilustrando a narração de um gol com várias obras clássicas da história da arte, explorando as expressões de sofrimento e êxtase (motivos de resto comuns, seja nas artes plásticas, seja nas reprises em câmera lenta dos melhores momentos das partidas).

Podíamos enumerar muitos outros elos nesta corrente que aproxima artistas de atletas, citando, inclusive, alguns artistas esportistas ou esportistas artistas — a exemplo de Hemingway e seu fascínio pelo boxe ou o caso de Johnny Weissmüller, que antes de immortalizar o Tarzan dos cinemas talhou o seu dorso na natação, chegando a ter sido detentor do recorde mundial dos cem metros no nado livre. O que nos interessa, porém, é desmistificar a ideia de que é o talento ou a técnica (e não uma misteriosa conjunção desses dois elementos) o que faz um grande artista ou um grande atleta.

Pensando no esporte, é sintomática a história de Dick Fosbury: o atleta que revolucionou o salto em altura introduzindo a novidade de pular no sarrafo de costas, quando a tradição no salto era pular de frente. Fosbury não tinha lá muito talento para o esporte: quando criança, nunca conseguia saltar por cima das cadeiras — método meio rudimentar que se utilizava para verificar a competência dos pre-



FOTOS: REPRODUÇÃO

Dick Fosbury: o atleta que revolucionou o salto em altura introduzindo a novidade de pular no sarrafo de costas



Nas artes, a suposta falta de técnica de Van Gogh nunca o impediu de ser gênio

tenso atletas na modalidade. Foi a técnica, imitada (e aperfeiçoada, vale dizer) por outros atletas, que o immortalizou, embora em comparação com outros atletas do mesmo período ele tenha um desempenho tímido (nunca foi, por exemplo, um recordista no salto).

Nas artes, por outro lado, a suposta falta de técnica de um Van Gogh nunca o impediu de ser gênio. Começou a pintar tarde: estava destinado a ser pastor como o pai; seus primeiros quadros datam de 1880, quando já tinha 27 anos, e como se costuma destacar em sua biografia, nunca vendeu um só quadro em vida. Recentemente, um vídeo que pipocou em minha tela me emocionou: era uma cena de *Doctor Who*, série inglesa da BBC que brinca com a ideia de viagens no tempo e trouxe Van Gogh em

pessoa pra ver suas obras exibidas no Museu d’Orsay, onde um austero crítico de artes interpretado por Bill Nighty derreteria-se pela arte do holandês, reputando-o como “o maior” entre os pintores.

É claro que, nos dois casos, respectivamente, talento e técnica também estão presentes na equação. Fosbury talvez tenha desenvolvido seu talento a partir de um domínio técnico mais consciente, e nem é preciso dizer que Van Gogh, com todo o seu talento incompreendido, foi capaz de criar uma técnica pulsante, indefectível, que também só conseguiu ser assimilada muitas décadas depois de sua morte.

Dito isso, há mais variantes que o talento e a técnica para explicarem por que aquele seu amigo de infância, craque na pelada, não está agora jogando na Champions League. Como também há mais variantes que a técnica e o talento para explicarem por que o seu professor de redação, que te ajudou a obter a nota máxima no Enem, não é um escritor de sucesso, cheio de prêmios. Seja na arte, seja no esporte, desconfie daqueles que encaram talento e técnica como um casamento perfeito, ou como um divórcio turbulento. ✖

Tiago Germano é escritor, autor do romance *“A Mulher Faminta”* (Moinhos, 2018) e do livro de crônicas *“Demônios Domésticos”* (Le Chien, 2017), indicado ao Prêmio Jabuti. Mora em João Pessoa.

Antônio Mariano

e o romance

Hildeberto Barbosa Filho
Especial para o *Correio das Artes*

Antônio Mariano intervém decisivamente na vida literária. Com seu “Tome poesia, tome prosa”, vem abrindo espaço para as múltiplas vozes da literatura brasileira contemporânea, num ambiente cultural que congrega informação jornalística, discussão de ideias, perfis didáticos e atmosfera cognitiva, plural e fértil, naquilo que deve ser peculiar ao bom debate.

Poeta maduro, com vários títulos publicados, entre os quais destaco *Guarda-Chuvas Esquecidos* (2005), e duas coletâneas de contos, sendo a última *O dia Em Que Comemos Maria Dulce* (2015), Antônio Mariano tem, na palavra literária, o foco central de suas inquietações criativas e o polo que define seu ethos no labor e no sonho de cada dia.

Entrevamento (Curitiba: Kotter Editorial, 2021) é seu romance de estreia, a demonstrar, talvez, a necessidade de alargar o território da ficção, distendendo, assim, a região concentrada do conto, para os deslocamentos possíveis na geografia mais aberta do romance.

Quando falo em deslocamento, não quero me ater tão somente à planilha quantitativa do discurso, mas, sobretudo, ao germe da qualidade, ao apelo intrínseco de uma forma estética mais elástica, com seus componentes próprios e irredutíveis, a exemplo do personagem, do tempo e do espaço, da trama e da fabulação, do ponto de vista e da linguagem.

Entrevamento me parece o típico romance de personagem, se lanço mão da tipologia de Edwin Muir, explorada em *A Estrutura do Romance*, mesmo que sua motiva-



FOTO: DIVULGAÇÃO

'Entrevamento' marca a estreia de Antônio Mariano (abaixo) no romance: narrador reveste a dinâmica das ações com halo mítico e costura trágica



FOTO: MARCELA CARVALHO/DIVULGAÇÃO

- ▶ ção básica parta da prática de uma ação, isto é, do assassinato cometido pelo personagem e pelo qual o personagem é condenado a trinta anos de prisão.

E por que romance de personagem?

Ora, porque todos os acontecimentos da fábula, todos os cenários (os de dentro e os de fora), todos os giros do tempo, todas as alternâncias de foco narrativo, enfim, passado e presente, o interior do presídio e o exterior da sociedade, tudo contribui e ganha sentido na medida em que o personagem, no caso, Moacir, se apresenta e se desenvolve através do andamento da narrativa.

Mais que narrar, mais que descrever, mais que refletir, o narrador, que é o próprio protagonista, como que analisa minuciosamente os traços paradoxais de seu temperamento e as vicissitudes na formulação de seu caráter. A “visão com” de que fala Jean Pouillon, em *O Tempo no Romance*, integrada à voz em primeira pessoa, condensa os closes e as panorâmicas do olhar dessa criatura solitária, ardente, irascível, contraditória, preconceituosa e predestinada a sofrer os impactos malignos da fatalidade.

A história se passa em dois planos: um, em que a enunciação se opera no presente, na prisão, centrada sobretudo no romance que Moacir está escrevendo e que, ao fim, nada mais é que o próprio entrevamento do autor, Antônio Mariano, embora com o disfarçado título de “Flor miúda”; o outro, enunciado no passado, por meio de um *flashback*, através do qual vamos tomando conhecimento das ocorrências pregressas, dos diversos antecedentes do crime, enfim, dos fatos e das circunstâncias que levam o personagem à prática do ato fatal.

De capítulo a capítulo, num jogo de alternâncias quase simétrico, o narrador, passo a passo, vai desenrolando o fio dos episódios e nos apresentando os outros personagens, os coadjuvantes (os amigos, a família, os colegas de trabalho) e, em especial, a antagonista, Sandra Regina, a paixão de Moacir, o seu “grande outro”, o seu céu e seu inferno.

Num aspecto, Sandra Regina é o ponto de inflexão das ações que vão mover Moacir por um contexto amoroso cheio de desenganos e perigos, perdas e decepções, e, num outro, a configuração do presidiário, em suas tensões com o ambiente carcerário, com seu compa-

nheiro de cela e, em especial, com os sortilégios da escrita testemunhal que vai desembocar no romance.

Na arrumação dos acontecimentos, diga-se de passagem, o leitor atento pode perceber os múltiplos índices de antecipação, o que, decerto, torna previsível o desfecho, quebrando, em certo sentido, a intensidade da tensão, talvez numa nóvela menor do romance, muito embora tal procedimento não chegue a comprometer o equilíbrio geral e o primado estético da narrativa, sobremaneira, quero crer, em função do halo mítico e da costura trágica com que o narrador reveste a dinâmica das ações.

No primeiro plano da enunciação, isto é, no presente da narrativa, ou, dito de outra forma, no âmbito da história principal, pois a outra, a do crime, é uma história encaixada, Moacir cega um dos olhos, num gesto de autopunição que nos faz lembrar o drama de Édipo. Como Édipo, Moacir é vítima da ironia do Destino, este deus cruel que, no tear das peripécias, frustra a realização de seus sonhos e a realidade de suas ilusões.

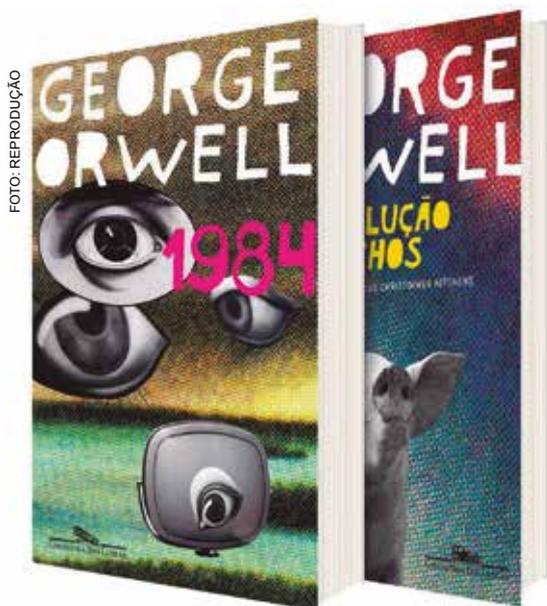
Não obstante, se atentarmos bem para o parágrafo final, seja possível extrairmos, do simbolismo da luz, algum laivo de esperança, pois assim arremata o narrador a sua história:

“O meu olho direito não me fará falta. Essa é a minha maior certeza. Todo caolho valoriza mais o que pode ver. Como esse sol que invade a enfermaria com um brilho cheio de promessas. Um brilho em que jamais atentei nessa vida”.

Escrito em estilo realista, direto, coloquial, com amplo aproveitamento dos ditos chulos, dos lugares comuns, da gíria e das expressões populares, ao mesmo tempo em que fundado na sondagem psicológica, na crítica social e na reflexão acerca da condição humana, este romance de Antônio Mariano sinaliza para mais uma vereda a ser explorada no movimento de seus processos criativos.

Romance de amor, romance da violência social, romance do ambiente carcerário, romance político, romance do romance, não importa. Importa que o autor nos conta uma história, nos mostra a loucura de um homem, nos revela a face desolada de um anti-herói da existência, assim como cada um de nós. E isto não é pouco! ✖

Hildeberto Barbosa Filho (HBF) é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da UFPB e membro da Academia Paraibana de Letras. Autor de inúmeras obras no campo da poesia, da crítica, da crônica e do ensaio, é colunista-colaborador bimestral do ‘Correio das Artes’. Mora em João Pessoa (PB).



Os mundos de George Orwell

Clóvis Roberto
cclovisroberto@gmail.com

A construção de mundos para apresentar novos, velhos e reconstruídos mundos. A opressão, a resistência, memórias afetivas, amor, desamor, negação, percepção, linguagens, propaganda, dor, significados e vazios. O escritor britânico George Orwell (1903-1950) ergueu em *A Revolução dos Bichos* (1945) e em *1984* (1949) distopias para falar sobre a essência da construção e destruição individual e coletiva, sobre o real e o inexistente.

Distopia, palavra do grego, formada por 'dy', que significa 'mau', 'ruim', e 'topos', o mesmo que 'lugar'. É a refe-

FOTO: REPRODUÇÃO WIKIPEDIA

► rência da medicina a um órgão do corpo humano localizado no local errado. Porém, o conceito filosófico é o que importa em se tratando de Orwell. Um lugar controlado por uma força centralizadora, o Estado ou algum sistema de comando opressor, sufocante.

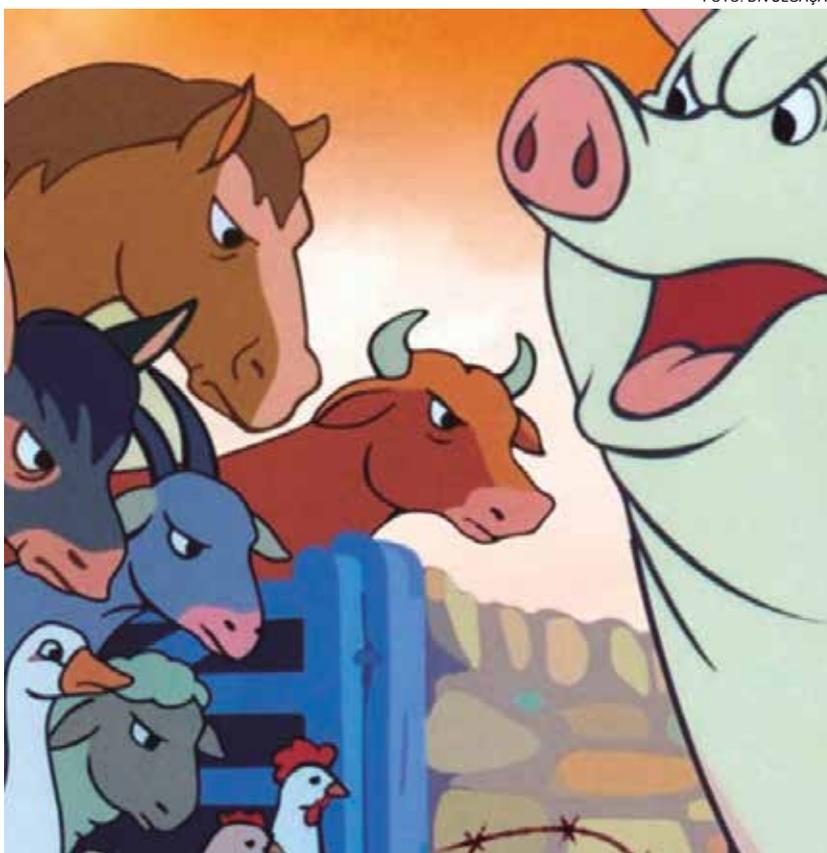
George Orwell, que nasceu na Índia, experimentou e colheu de ambientes e elementos sociais diversos cenários e situações que alimentaram sua formação como escritor, jornalista, questionador e/ ou iluminador de mentes. Ora como testemunha, ora como partícipe, ele acompanhou o crescimento de regimes totalitários pós-Primeira Guerra Mundial (1914-1918): fascismo na Itália, nazismo na Alemanha, stalinismo na União Soviética. E integrou uma força repressora, trabalhando como policial britânico na Birmânia, na Ásia, atual Mianmar.

De volta à Europa no início dos anos 1930, Orwell viveu junto aos pobres em Paris e Londres. Depois, ele lutou nas brigadas do Partido Operário de Unificação Marxista (POUM), anti-stalinista, durante Guerra Civil Espanhola. Foi ferido em combate e precisou fugir para não ser morto, vítima da luta interna travada pelas esquerdas na Espanha antes da derrocada dos opositores ao general Francisco Franco. As letras foram o meio e a fuga para sobreviver. Escrever tornou-se o seu ganha-pão.

UM DESTRUIDOR DE SONHOS

Em meio ao liquidificador de convulsões das lutas sociais da primeira metade do século 20 surge o mundo distópico de *A Revolução dos Bichos*. George Orwell, nascido Eric Arthur Blair, constrói uma fábula com comparações escancaradas, produz uma sátira amarga ao stalinismo. Homem de esquerda, ele não encobria a visão para o que ocorria na União Soviética de Josef Stalin. O sonho de liberdade à revolução, a implantação prática de uma sociedade igualitária, o desfarelamento moral do comando do novo regime, tudo isso despejado na história dos bichos que ganharam vida no livro.

Sim, “todos os animais são iguais mas alguns são mais iguais



Lançado em 1954, quase dez anos após o livro, a adaptação de 'A Revolução dos Bichos' ganhou o cinema através de uma animação: obra é um soco no estômago no regime comunista de Stalin

que outros”. E *A Revolução dos Bichos* é um soco no estômago no regime comunista de Stalin. Orwell explícita e o leitor percebe a opressão, a perseguição, a censura, a ganância, a exploração, a morte por exaustão ou execução, a desilusão.

O leitor não precisa se esforçar para compreender em que mundo *A Revolução dos Bichos* está baseado. Caprichosamente, Orwell retrata o novo opressor personificado nos porcos e sua força policial repressiva nos cães. No livro também estão as formas de reducionismo da sociedade, o esmagamento de quem ousa erguer-se e contestar os maus feitos dos novos donos do poder.

George Orwell aponta a cada página as armas usadas pelos regimes totalitários para consolidar o seu poder e ludibriar as massas. Os inimigos externos, os lemas, as metas, as punições, a casta dominante, os vãos sacrifícios coletivos, o esvaziamento cultural, o militarismo, a tecnologia a serviço da escravização e a limitação educacional são narrados na história.

Em *A Revolução dos Bichos*, os animais, mais humanos que muitos dos seres de duas patas, se encontram num novo ciclo de esforço pela sobrevivência e já não conseguem perceber se a situação atual

de vida na “Granja dos Bichos” é melhor ou pior de quando o lugar era a “Granja do Solar”. O passado é transformado no lugar fosco, sombrio, turvo, o que facilita a consolidação da nova casta dominante.

A crítica construída à sociedade soviética sob domínio de Stalin é tamanha que George Orwell teve dificuldade para publicar *A Revolução dos Bichos*. O regime stalinista era visto com benevolência pela esquerda na Inglaterra e em todo o Ocidente, pois ainda era um aliado contra o nazismo na Segunda Guerra Mundial. Mais fácil retratar o líder soviético, como o fez a revista *Time*, como o Tio Joe da Rússia; de sorriso amigável e bondoso. “A intelligentsia britânica, em sua maioria, irá reclamar desse livro porque calunia seu Líder e (na opinião deles) prejudica a causa do progresso”, apontou o escritor no prefácio proposto para a primeira edição de *A Revolução dos Bichos*.

Se a crítica ao stalinismo é facilmente percebida, o mesmo vale ►

▶ para a opressão dos modelos capitalistas e dos demais regimes totalitários existentes. No livro, Orwell não ignora que o indivíduo busca por liberdade, condições de vida melhores, participação no meio em que está inserido. E a história aponta seguidos modelos de escravização, mesmo que variados e suavizados, mas que ao substituírem o antecessor, refazem discursos, distorcem fatos, alteram comportamentos, manipulam dados, mentem e matam. Fazendo uso de uma distopia, George Orwell escancara a realidade de sua época e sinaliza para situações existentes até os dias atuais.

SOB O OLHAR DO GRANDE IRMÃO

George Orwell e sua mente inquieta prosseguem a missão de jogar luz (ou pelo menos adaptar a visão à escuridão) ao ser social individual e coletivo. *1984* é um marco literário e político. Temas já presentes em *A Revolução dos Bichos* retornam amarrados num mundo dominado pelos olhos onipresentes, invasores, policialescos e violentos do Grande Irmão. A mão controladora do Estado é implacável e punirá com maior rigor os menores deslizes, mesmo que só em pensamentos-crime, os atos não realizados.

Distopias

É necessário

embarcar em leituras

críticas da sociedade

(...) Só assim

conheceremos esses

mundos e poderemos

entendê-los e escapar

das manipulações

e opressões

Em *1984* não há escapatória, nem em pensamento, e inexistente perdão. Orwell monta um ambiente de extrema opressão onde a submissão total é o único caminho. Sonhar, planejar, desejar, ter e demonstrar sentimentos são ações ilegais. O Grande Irmão é infalível.

Orwell mantém um ambiente claustrofóbico, asfixiante em *1984*. Todos os lugares são vigiados, até o sono. A teletela é o olho vigilante do Partido, implacável para os menores deslizes. É mais que uma televisão, é uma “mente” controladora mais aperfeiçoada em o celular “inteligente”, é o algoritmo dominador dos pensamentos. O indivíduo está à deriva e a um passo da destruição.

O autor é irônico ao nomear o Ministério da Paz para cuidar da guerra; da Verdade para cuidar de montar mentiras. Não só o presente e o futuro são manipulados, mas o passado é reconstruído para reafirmar e proclamar a inefabilidade do Grande Irmão. “Guerra é paz”, “Liberdade é escravidão” e “Ignorância é força” é a mais pura verdade. A (auto)negação do indivíduo é total e o último resquício de liberdade intelectual, o suspiro de resistência mental, será quebrado.

A Novafala é a linguagem criada para substituir a velha fala, o antigo mundo, as memórias. Um processo de desconstrução e reconstrução contínuo. A desconfiança reina em todos os contatos sociais; o prazer é eliminado. Seguir os passos das personagens Winston Smith e Julia pelos corredores, salas, ruas, espaços de *1984* é sonhar, sofrer e sentir dor. É robotizar-se para escapar e trair-se na hora de maior provação.

George Orwell oferece ao leitor em *1984* doses de mundos que inexistem, mas que são vendidos como um lugar perfeito. Novamente, pitadas de Alemanha nazista, Itália fascista, URSS stalinista (para citar os casos mais conhecidos) encontram parâmetros nessa sociedade de controle total. Com uma

olhada mais cuidadosa podemos encontrar mais: um pouco da colonização britânica nos rincões asiáticos; talvez o subjugo dos senhores europeus aos povos da África; ou ainda as vítimas das dezenas de ditaduras militares semeadas e adubadas pela democracia norte-americana. Não teríamos sinais de um embrião que alguns tentam impor ao Brasil atual.

OUTROS MUNDOS POSSÍVEIS

As distopias são necessárias para olharmos o mundo real. *A Revolução dos Bichos* e *1984* são livros para fazer pensar. Assim como *Nós*, do russo Ievguêni Zamiátin, considerado o precursor deste tipo de literatura, e *Fahrenheit 451*, do americano Ray Bradbury. É necessário embarcar em leituras críticas da sociedade em que estamos inseridos, seja ela qual for e a qualquer tempo. Só assim conheceremos esses mundos e poderemos entendê-los e escapar das manipulações e opressões.

George Orwell morreu jovem, aos 46 anos, já viúvo, vítima da tuberculose. *1984* foi escrito no final da sua vida, em meio às crises provocadas pela doença. Imaginemos que novos mundos distópicos o escritor poderia ter construído se tivesse mais tempo de vida. Que situações sairiam de sua mente brilhante para as páginas de livros? Quanta luz poderia ter lançado sobre a humanidade? Mesmo assim é longa sua presença em pensamentos, sua contribuição crítica. *A Revolução dos Bichos* e a *1984* continuam a existir e a incomodar. ✦

Clóvis Roberto é formado em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atualmente está em sua terceira passagem pelo Jornal A União, onde atua na equipe editorial, e também é colaborador do blog Ambiente de Leitura Carlos Romero (ALCR). Também já trabalhou nos Jornais O Norte e Correio da Paraíba e na Revista A Semana. É natural de João Pessoa (PB), onde mora e trabalha.

José Edmilson Rodrigues

Inesperado

Não espere a dor,
nem a palavra que passa
expondo a mazela
do amor perdido

e o laço temporal da paixão
como um plano
para enganar o coração.

Não espere o sentimento
que não seja da raiva,
a ternura se foi, faz tempo,
e o gozo é seco,
sem graça.

O que se tenta aos olhos
uma espécie de visão
empoeirada
pelo sangue da vida,
um chamego de vaidades,
tempo indecoroso,
bolinação do que se espera,
caminhos de morte.



Sementeira

Dos olhos da roça,
a imagem da garota
entre folhas e plantas
no caminhar da rota,

da vida, a metáfora
que se mostra e encanta
como chama o amor
que a paixão espanta

e aproxima ao som seco
de uma queda em tom
de viola, expressão
de bem querer, som

lapidar de uma imagem
de quem ama e expõe
um tempo da aragem
da nativa semente mãe,

fincada seca na terra
que o tempo brota
e recria pela gota
que não se encerra.

E ela que esboça vidas,
ainda trilha a roça
semeando margaridas,
ela, cândida, a moça.



Eu sou a sombra

Eu sou a sombra
que o persegue.
Tempo sem claridade,
luz opaca que segue
pelo olhar pecaminoso
que a vida oferece
sob a sombra que teima
em ficar sobre a terra
que o sol não arrefece.
É a sombra que sobra
cobrando feridas vidas
de sombras sentidas.



José Edmilson Rodrigues, paraibano, natural de Campina Grande, poeta, ensaísta, Mestre em Literatura e Interculturalidade, publicou, entre outros *A solidão dos olhos* e *as vertigens do tempo* (poesia, Mondrongo) e *A Poética do ridículo* (crônicas, contos e ensaios, Mondrongo).

RISQUE: Ana Martins Marques em novo livro



Risque *Esta Palavra* (Companhia das Letras, 2021), o novo livro de Ana Martins Marques, conclui com os versos “Encerramos afinal nossa aventura / eu e tu”, e “a poesia – parece estar de volta... / é mesmo ela”, como se o livro fosse um tratado, uma tese, uma comprovação. Mas é um livro de poemas.

Dirigido a “meu amigo”, o chamado cria um vínculo com o leitor que se volta ao título do volume e então percebe que o verbo riscar, além de significar apagar, pode ter o sentido de realçar. Risque, em vez de deletar, pode ser lido como grifar, destacar. O nome do livro como uma possível exaltação da linguagem da poesia.

Risque, ao invés de apague, passa ser grife. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Fiquemos com o mar de Minas e da Boêmia, como no poema “Minas a beira-mar”. O certo é que a poesia de AMM cresceu e este é, seguramente, seu livro. Podemos dizer, o livro que representa (ou apresenta) sua poesia.

Até então seus livros anteriores eram marcados por cacoetes e modismos que filiavam-na a grupos, mas não distinguiam seu lugar. Na busca por uma linguagem da impessoalidade, ela fazia uma poesia adolescente de mera descrição ou enumeração. Quando não, corria atrás de coloquiali-

dade e perdia-se em registros banais e sem tempero algum. Entre um ou outro poema, havia versos que pareciam apontar para algo novo, mas todos os prêmios vinham e afogavam o que poderia ser um começo de uma nova linguagem, uma experimentação.

Seis anos se passaram e surge *Risque Esta Palavra*. O título, um imperativo afirmativo, encerra uma negação: recusar, negar, deletar, inutilizar o que está escrito. À semelhança da narrativa machadiana em *D. Casimiro*, pede-se ao leitor para apagar o que está escrito. Inútil. Já foi incorporado pela leitura. Quer seja, assimilado, sabido.

O ludismo de “mostrar e ignorar o visto” incorpora signos passados que interessam ao presente. E é assim que o livro cresce com um projeto que se estende do título ao último verso: a linguagem como corpo do tempo e da poesia.

Pois o novo livro não somente é um marco na trajetória de AMM, como deixa claro um projeto que se estende do título ao último verso: “a poesia – parece estar de volta... / é mesmo ela”.

Evidentemente que esta passagem da produção adolescente, cheia de imagens vazias, clichês, mesmices, observações ingênuas, trocadilhos juvenis, flertes com a poesia marginal, diluição drummondiana, não são abandonados

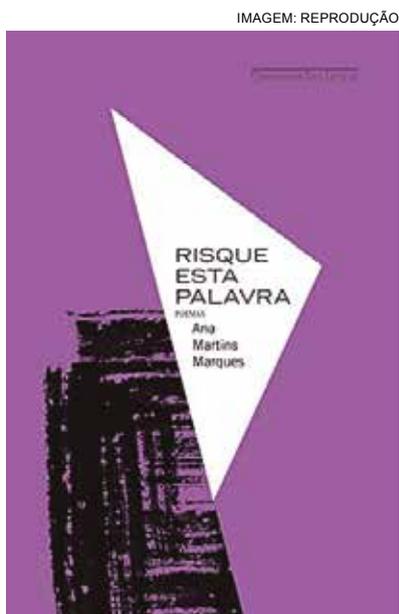


IMAGEM: REPRODUÇÃO

Capa de *Risque Esta Palavra*: título como uma possível exaltação da linguagem da poesia

▶ num repente.

O livro ainda traz marcas da poesia marginal:

*Há muita coisa em comum entre
Cair num rio
E cair em si
E cair fora*

Como se o trocadilho previsível, o riso fácil, a coloquialidade tosca fossem suficientes para fazerem um poema de qualidade. A coloquialidade, o trocadilho e o humor simples da poesia oswaldiana não são fáceis de serem conseguidos. A poesia marginal tentou muito – o mas ficou muito longe disso tudo. Aqui, Ana Martins Marques também tenta. Mas não consegue também.

Todavia, o novo livro traz bons poemas. “Finados” resolve-se em poucos versos, ritmo frenético e a fugacidade da vida mais a vizinhança da morte. Coloca o leitor dentro do poema levando-o a vestir as camisas deixadas nos armários e a habitar as “casas coloridas” e “alegres sem motivo”.

Em “Fazer as malas é tarefa impossível”, a desconhecida alteridade de si próprio marca o tom dos versos: “quem está de partida / arruma a mala / de um desconhecido”. A reflexão pessoal e a linguagem são duas viagens dentro do poema.

Corpo, tempo, impermanência, palavra, água, memória, morte, a figura masculina, mar, são alguns dos elementos que fazem a trama poética de Ana Martins Marques. Todos interligados: “cada corpo confina com o que lhe falta”, como num verso de “Minas à beira-mar”, em que os “mares” de Minas e da Boêmia são colocados lado a lado:



Ana Martins Marques: novo livro é um marco na trajetória da poeta

*Assim como a Boêmia
Também Minas faz fronteira com o mar
– cada corpo confina com o que lhe falta
(cercado ao norte pela morte
Ao sul pelo azul)*

*Deitei (se não eu, outros como eu)
A cabeça nas ondas, experimentei o sal
Da língua, lancei (se não eu, outros como eu)
O corpo ao perigo e fui (alguém foi)
Ao fundo*

*Deixou o mar ao extinguir-se uma cicatriz
Na pela das montanhas, estas mesmas que agora
Esvaziam-se de si – a exemplo do mar
Quando recua*

► Poema sucinto. Preciso. Ondas de música e de significado. Flashes. Closes cinematográficos. Minas. Boêmia. Os fonemas /m/ ecoam sonora e visualmente a sugestão das oscilações das ondas do mar.

A terceira parte, “Noções de linguística” é bem sucedida linguagem falando da linguagem. “Língua” e, na sequência, “é uma alegria haver línguas” são poemas para serem lidos em silêncio, voz alta, baixa, reproduzidos por impresso, vídeo, som, dança, pintura, teatro, etc.

Neles, a poesia transcorre em êxtase epifânico, revelando-se a si e iluminando o leitor. Leva-o a revelar-se e a rever a linguagem e a literatura na criação do próprio poema. A forma do poema e o que ele diz caminham tão integrados, estruturam um só corpo – a leitura é conhecimento e gozo num só ato.

Os amantes da literatura, e da poesia, em especial, sentirão o prazer da mente e coração juntos, som e sentido em uníssono.

Em “Prosa” (I) e (II), a ironia, que antes salteava os poemas, agora desenha mancha gráfica de grande efeito e deleite. O que um dia fora arremedo de prosa poética é agora amadurecido poema em prosa de prazerosa intertextualidade e acentuada musicalidade.

A poesia transcorre em êxtase epifânico, revelando-se a si e iluminando o leitor. Leva-o a revelar-se e a rever a linguagem e a literatura na criação do próprio poema

“Prosa (I)”, fragmento:

*Num evento literário
A romancista conta
Que tinha sido casada com um poeta
Eu passava anos trabalhando num livro
Ela diz
Todo o tempo
Muitas horas por dia
Pensava nisso
O dia inteiro
Quase o tempo todo
Fizemos juntos uma viagem
Curta
Ela diz
Ao final dela
Ela diz
Ele tinha um livro*

“Prosa II”, (fragmento):

*Roberto Bolaño
Se considerava
Antes de tudo
Um poeta*

*No entanto
O autor ficou conhecido
Sobretudo
Como prosador
(...)*

*Há quem acredite
Que o autor trocou
A miséria da poesia
Pela misericórdia da prosa*

*Quem sabe a poesia
É impossível
E ele faz o luto do verso
Na linha da prosa*

(...)

A última parte, “Parar de fumar”, é, de fato, um único poema na forma e no tema e está estruturado visual e ritmicamente a conduzir o leitor, sem fôlego, às últimas páginas, que retomam o fio central do volume.

A fumaça do cigarro não apaga – antes – realça, destaca a palavra poesia em todo este livro. Que tem seus deslizos, seus poemas inconclusos, seus usos

excessivos de versos comparativos (o velho uso do como, muleta de tantas imagens), o escorregão na construção da coloquialidade fácil da poesia marginal, o apelo à diluição drummondiana, etc. Mas diante do salto de excelência qualitativa, risque-se, apague-se, delete-se toda nota contra. Frise-se o novo livro e o novo tempo de linguagem que ele traz. ✦

Amador Ribeiro Neto é poeta, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)

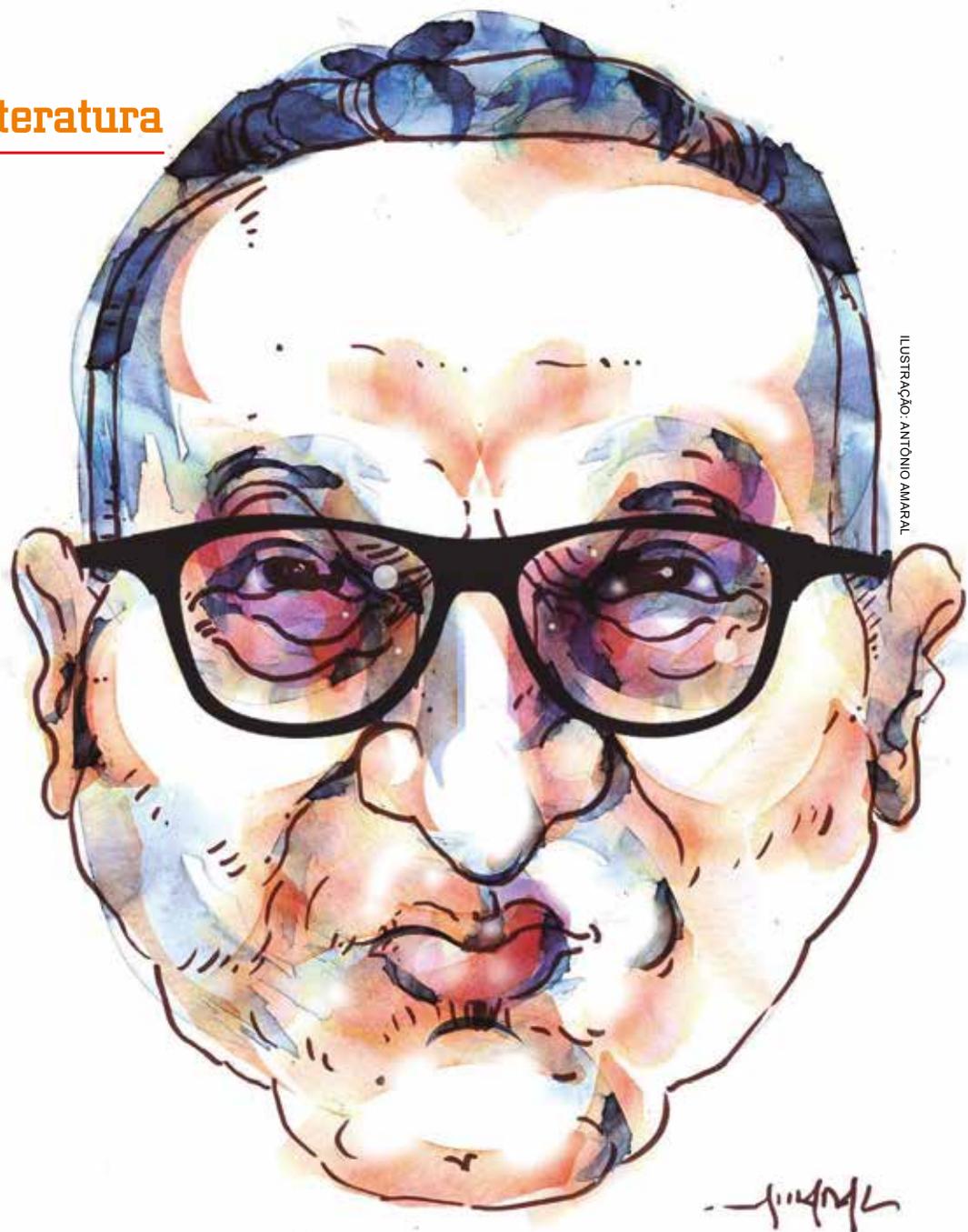


ILUSTRAÇÃO: ANTONIO AMARAL

A arte do escritor J. L. Rocha Nascimento: COTIDIANO, MEMÓRIA E DESEJO

Acilino Alberto Madeira Neto
Especial para o Correio das Artes

Há algum tempo, escrevi um ensaio, muito mais antropológico do que literário, sobre um dos escritores brasileiros mais publicado no século 20: Augusto dos Anjos (1884 – 1914), o poeta que vingou depois. Passados alguns verões, sento para

escrever sobre um escritor piauiense que já nasceu pronto, por ironia do destino, vingou como magistrado depois. O mundo gira e é muito ainda hegeliano, sobretudo afeito ao reconhecimento, tardio ou precoce.

O escritor piauiense que agora tenho a honra de apresentar é uma ilustre pessoa que muito admiro desde que éramos adolescentes. Trata-se do poeta e contista João Luiz Rocha Nascimento. Nascido em Oeiras (PI), em 16 de março de 1959, além de professor da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Juiz do Trabalho (TRT 22ª Região), Mestre e Doutor em Direito Público (Unisinos – RS) é também Membro do grupo Confraria Tarântula de Contista na cidade de Teresina, capital da Província de São José do Piauí. ▶

Peron Rios em *A Espiral Crítica*, da editora Confraria do Vento (2021), nos ajuda a compreender os significados que a literatura literária pode nos oferecer. Construindo uma investigação rigorosa sobre a função espinhosa da crítica literária, este jovem crítico pernambucano busca em Machado de Assis (*O Ideal do Crítico* – 1865) uma fonte para sua crítica triangular, numa abordagem sobre o caráter axiológico, o desejo pedagógico e o perfil hermenêutico da crítica literária. Muito me agrada a parte do desejo pedagógico que a crítica literária deve assumir.

Machado de Assis, um mestre do conto, mostra-se contrário a crítica como um ataque, admitindo a conversação polida entre o crítico e autor. Por esta visão, proponho-me apresentar J.L. Rocha Nascimento aos leitores brasileiros, como sendo um contista, sobretudo herdeiro da boa prosa nacional, com evidente sotaque da prosa mineira e da tradição literária piauiense.

Conheço J. L. Rocha Nascimento de longas datas. Lá pelos finais dos anos 1970 e início dos anos 1980 fomos vizinhos de bairro na capital mafrense, ele morando no Parque Piauí e eu, no Lourival Parente. O João Luiz, assim o chamávamos, sempre foi brilhante e mesmo muito jovem e aplicado estudante de Direito, na Universidade Federal do Piauí, já escrevia como gente grande.

A construção impecável de sua carreira profissional na magistratura e no magistério não nublou e nem subsumiu o seu talento como escritor. Participou de várias coletâneas, em prosa e verso, com destaque para *Dei Pra Mal Dizer*, publicado em 2012 (autoedição), em parceria com os contistas teresinenses Airton Sampaio e M. Moura Filho, um livro de contos eróticos dedicado à Hilda Hilst, muito importante no conjunto da literatura piauiense contemporânea. O livro é esteticamente interessante e tem projeto gráfico e ilustrações de Antônio Amaral.

Muito mais recentemente, em minhas férias de julho de 2019, perambulando pelas livrarias de Teresina (PI), numa delas com grande movimentação de pessoas, deparei-me com *Um Clarão Dentro da Noite* (Scortecci, 2019), publicado em maio do mesmo ano, sendo este o primeiro livro individual de J. L. Rocha Nascimento. Nem deu tempo direito de chegar em casa (casa de minha mãe,

em Teresina) e, de um folego só, li por completo sua obra que tanto o faz vigorar na arte de contar histórias curtas. Curtir por demais as suas breves narrativas permeadas de personagens com cheiros de nostalgias, de saudades e da percepção autoral de um tempo em que Teresina era um amontoado de gente do interior.

Não só pelos escritos na orelha do livro em comentário por Fausto Couto Sobrinho, mas também pelo tempo dos personagens, pelo compasso das horas da vida urbana e suburbana e pelas aspirações ou pequenos desejos despedaçados em mortas lembranças, como no conto (Minha tia e o pão-de-açúcar de algodão doce), tive a sensação de reviver os contistas de Minas Gerais, como Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e outros tantos.

No ano seguinte, ano de pandemia (2020), duas surpresas me chegam do escritor J. L. Rocha do Nascimento: a primeira quando li nas redes sociais a notícia da publicação e do lançamento, em Teresina (PI), de *Os Pés Descalços de Ava Gardner* (Scortecci, 2020). A segunda e formidável surpresa foi ter recebido, por via postal, em minha casa em João Pessoa (PB), a referida obra a mim encaminhada

e já autografada pelo próprio autor. De imediato, passei a ler aquele livro de título pomposo, espetacular e cinematográfico: *Os Pés Descalços de Ava Gardner*.

De posse dos dois livros, supra-mencionados, de J. L. Rocha Nascimento, fui tentado compará-los com a devida e necessária cautela de percebê-los ou senti-los em sua essência e particularidade. Em *Um Clarão Dentro da Noite*, o autor consegue passar para o leitor as nuances variegadas da sexualidade humana como tema instigante, o humor por vezes cortante em situações inquietantes até quando estas se ligam à morte como no conto ('Margaridas vermelhas'). Enfim, devo concordar com as percepções de Rogério Newton (no prefácio) de que o conto que dá título ao livro, "é uma saborosa narrativa, seguramente mais vinculada ao conto de atmosfera do que ao conto regional".

Verdade seja dita: J. L. Rocha Nascimento não é um contista de apelo regional, sua estética literária se liga mais a universalidade de sentido humano buscado, seja quando se aproxima do vigor narrativo de Jorge Luís Borges ou do realismo fantástico de Gabriel Garcia Márquez ou do nosso

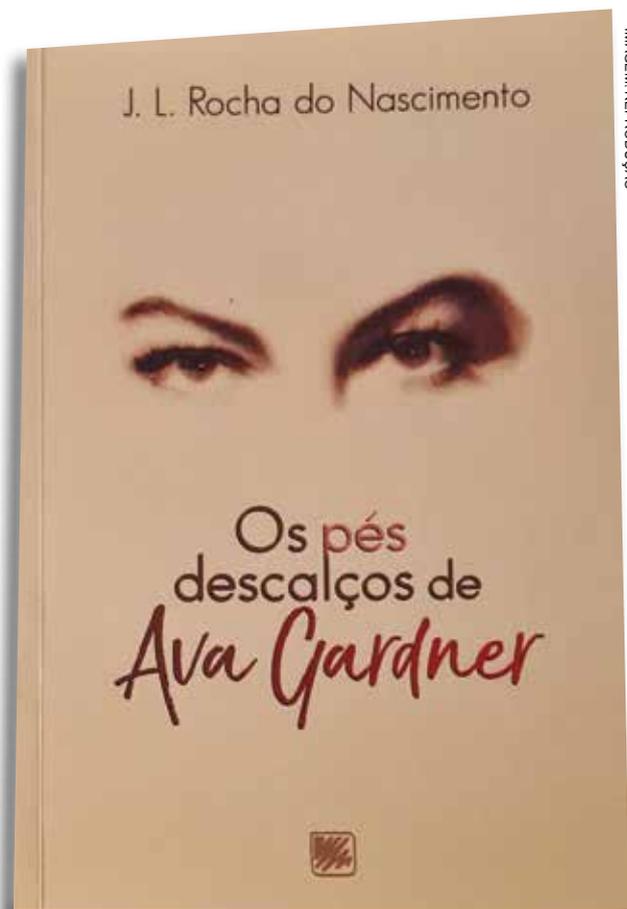


IMAGEM: REPRODUÇÃO

'Os Pés Descalços de Ava Gardner': personagens urbanos mergulhados na crueza dos seus sentimentos

Murilo Rubião. Na tentação do ato comparativo, graças ao bom senso, não me deixei levar pelo engano de achar que o segundo livro, *Os Pés Descalços de Ava Gardner* fosse destoar ou até mesmo frustrar as expectativas do leitor crítico.

Os Pés Descalços de Ava Gardner é uma obra que retrata as narrativas curtas típica do gênero literário conto de um escritor maduro, apresenta personagens urbanos mergulhados na crueza dos seus sentimentos e percepções da vida comum. Ao longo do livro, as narrativas expõem personagens envolvidos com os revezes e fadiga da vida (como em 'Noite Feliz' - leia ao lado), numa presença persistente de dor e morte. O livro é bem-humorado e revela também os significados interativos e inconclusivos do cotidiano, como no diálogo ambientado, ao mesmo tempo real e virtual, entre João e Michele no conto ('Na rede').

Contudo, há algo de comum entre o primeiro e o segundo livro de J. L. Rocha Nascimento e onde o regionalismo não tem lugar de destaque, qual seja a predominância do cenário e do ambiente sobre o enredo e os protagonistas. Porém, em *Os Pés Descalços de Ava Gardner* dois fenômenos intrínsecos à vida humana se firmam maravilhosamente: o sonho e a memória – o sonho como exercício voluntário da mente, em liberdade total e a memória porque nela não há cancelas (que aqui tomo de empréstimo tal percepção a José Castello, em *Suplemento Pernambuco*, out. 2021).

Conversando com o poeta e crítico literário Hildeberto Barbosa Filho, paraibano de expressão nacional, sobre a arte literária de J. L. Rocha Nascimento, fui provocado a lhe responder se o contista piauiense em sua escrita mantinha uma unidade e/ou um equilíbrio estético. Respondi que sim. Não obstante, cravei em mim mesmo uma outra pergunta crítica: qual o destino de quem ler e o que a literatura produzida por J. L. Rocha Nascimento pode nos oferecer?

Para os leitores da revista *Correios das Artes*, público para quem eu escrevo como enviado especial, J. L. Rocha Nascimento nunca será ignorado ou passará



FOTO: DIVULGAÇÃO

J. L. Rocha Nascimento tem dois livros de contos

incólume como escritor brasileiro, residente no Piauí. A revista *Correio das Artes* publica os escritores piauienses desde meados de 1940. Nesta, publicaram seus escritos Clóvis Moura (1925-2003), H. Dobal (1927-2008) e O. G. Rego de Carvalho (1930-2013) entre 1947 e 1949.

O gênero literário pelo qual O. G. Rego de Carvalho se expressava na *Correios das Artes* em 1949, quando tinha apenas 19 anos, era o conto. Este autor também de Oeiras (primeira capital do Piauí), como J. L. Rocha Nascimento, em 1949 publicou 'Pequenos amigos' e 'O almoço em família' já anunciando passagens de sua trilogia: *Rio Subterrâneo*, *Somos Todos Inocentes* e *Ulisses Entre o Amor e a Morte* – os dois primeiros sob forma de romance e último como novela, respectivamente, publicados tempos depois.

J. L. Rocha Nascimento é um herdeiro da tradição literária piauiense, sobremaneira da arte da escrita do conto. Um provável destino para os futuros leitores de J. L. Rocha Nascimento será o de abrir a consciência para a apreensão de seus signos de linguagem reveladores do sentido universal da condição humana, pelas trilhas do cotidiano, da memória e do desejo.

Em breve conclusão, a literatura produzida por J. L. Rocha Nascimento pode nos oferecer a compreensão da vida sem porteiças e cancelas que apremionem gestos e pensamentos. ✖

conto

NOITE FELIZ

Mais alguns instantes e os ponteiros estarão sobrepostos. O vizinho do apartamento de frente ouve Noite Feliz. Que vinho ele bebe, não sei. A mulher corre para a cozinha. As crianças, em torno da árvore, aguardam com ansiedade a chegada do bom velhinho. Os convidados começam a chegar. A cozinha, um entra e sai de mulheres. Os homens conversam, bebem e petiscam como se o mundo fosse acabar amanhã. Posso apostar que hoje cedo foram à igreja rezar, não reclamaram da duração da santa missa, comunhão e, mais uma vez, se arrependeram de todos os pecados cometidos.

Aquilo me irrita. A música me irrita, a felicidade alheia, falsa ou não, me irrita.

Alguém bate à porta. Pergunto quem é. A vizinha do lado, diz uma voz atrás da porta, a respiração tão difícil quanto a minha.

– Vim desejar uma noite feliz de Natal e trouxe um pedaço de bolo.

Digo que não quero uma noite feliz, muito menos um pedaço de bolo.

Do outro lado, silêncio. Logo depois, um arrastar de passos sumindo.

Só faltava essa. Na altura dos acontecimentos, dividir minha solidão. Preciso mesmo é de um estilete, dos bem afiados.

Volto minha atenção para o apartamento de frente. Todas as janelas estão abertas. A movimentação é intensa. Parece que querem dizer ao mundo que são felizes. Numa prova de que tudo está perfeito, fotografam qualquer coisa que se mova de forma alegre, até mesmo o cachorro vira-lata que mais parece um labrador. É o tipo de felicidade que em alguns segundos será anunciada ao mundo inteiro.

Reúnem-se agora em torno da árvore de natal. Alguém faz a contagem e conclui que não falta mais ninguém. Hora de distribuir os presentes. Uma criança se antecipa e avança sobre um deles, gritando é meu, quer abri-lo e recebe um safanão da mãe. Logo aparece um palhaço vestido de bom velhinho. É a senha.

Pobres coitados. Pobre de mim.

Não sei qual dos mundos merece mais compaixão.

(Extraído do livro 'Os Pés Descalços de Ava Gardner' - Scortecchi, 2020)

Acilino Alberto Madeira Neto é escritor, poeta, compositor e membro da UBE Paraíba. Piauiense radicado em João Pessoa (PB) desde 1998, tem formações em Filosofia e Economia. É auditor fiscal do Estado da Paraíba e autor dos livros 'Nos Confins da Missão' (2007) e 'Monarquia de Sedução' (2008).

Garimpeiro

Garimpeiro da palavra,
pelos caminhos tortuosos,
o poeta caminha.

O que busca em terras tão longínquas?
O que encontra que já não conheça?
Campos devolutos?
Estranhas personagens?

Garimpeiro das palavras,
o poeta não sabe.
Compreender o tempo é sua missão,
viver da esperança é seu delírio,
escutar as crianças é seu consolo.

Visão

Subitamente,
vejo o mundo ao meu redor:
a luz que falha nos meus olhos,
a solidão dos poetas,
coro de vozes apenas pressentidas

Subitamente,
a vastidão do mundo diminui,
os filhos esquecem os pais,
as palavras se transformam em adagas

Subitamente,
dicionários fogem dos vocábulos e se
transformam em velhos caleidoscópios

Subitamente,
este poema imaturo envelhece,
e só nos resta proteger-nos nas fímbrias de seu manto.

Olhai os lírios do campo

Olhai os lírios do campo,
aconselhava Jesus.
Em vez disso,
olhamos um esmaecido céu onde
estrelas são pequenos incidentes.

Em vez disso,
conservamos nossos gestos noturnos e
temos as mãos em forma de conchas
sempre.

Em vez disso,
jogamos sobre os telhados,
poemas malfeitos,
envergonhados da existência.

Em vez disso,
esquecemos os lírios do campo e
só temos olhos para esquecer a paisagem

Chegas

Chegas de uma densa névoa mas
trazes a luminosidade do sol.

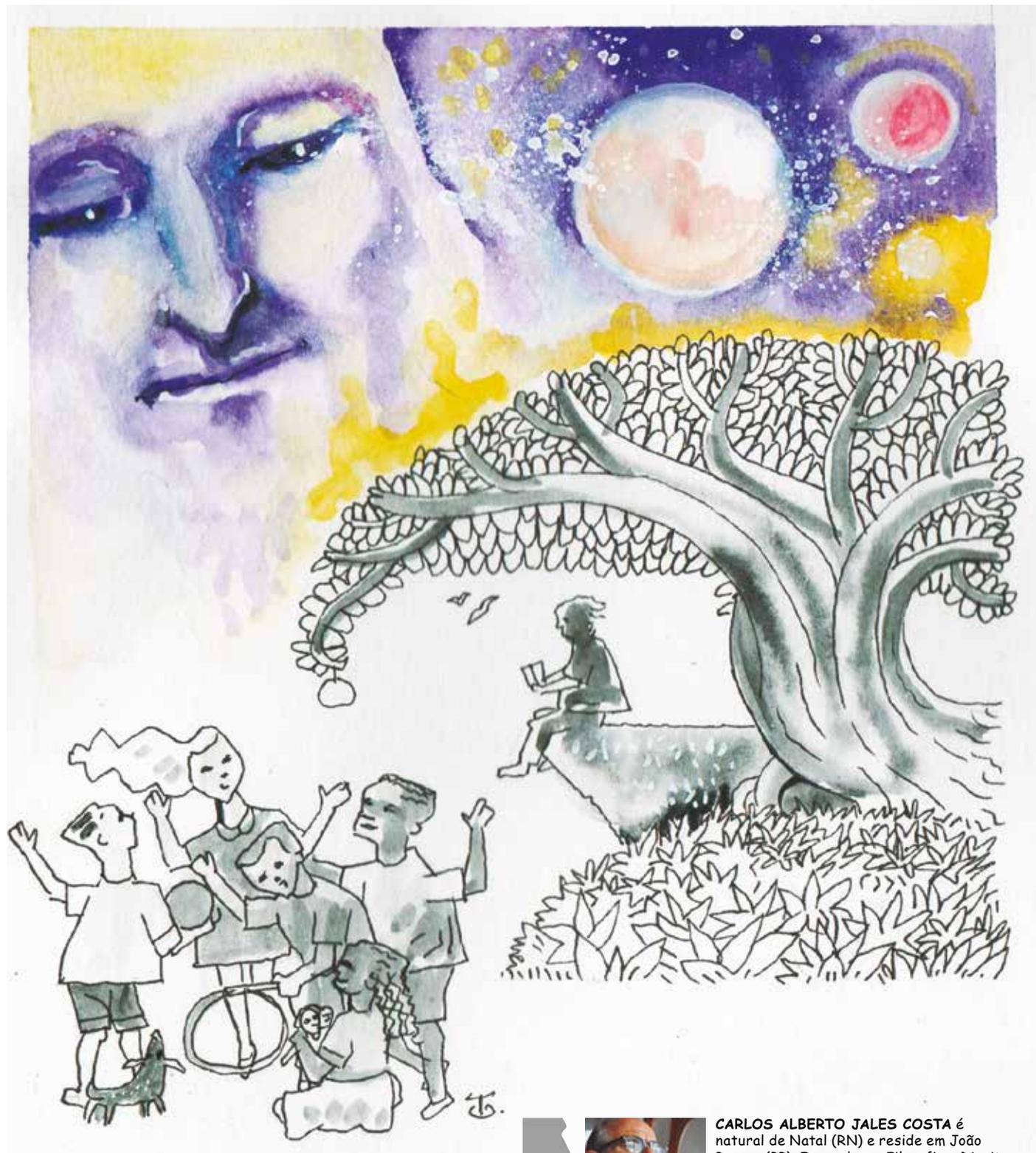
Se o mundo te cerca,
sabes desarmá-lo e
fazer dele um amigo sereno

Não sabes viver sem
um sorriso que esmaga
todos os sofrimentos pretéritos

És ao mesmo tempo anseios e sonhos
e de teus olhos os homens se encantam

Almejas,
(e como almejas),
a paz universal,
mesmo escrava de um mundo em
que anjos ainda não habitam

berto Jales



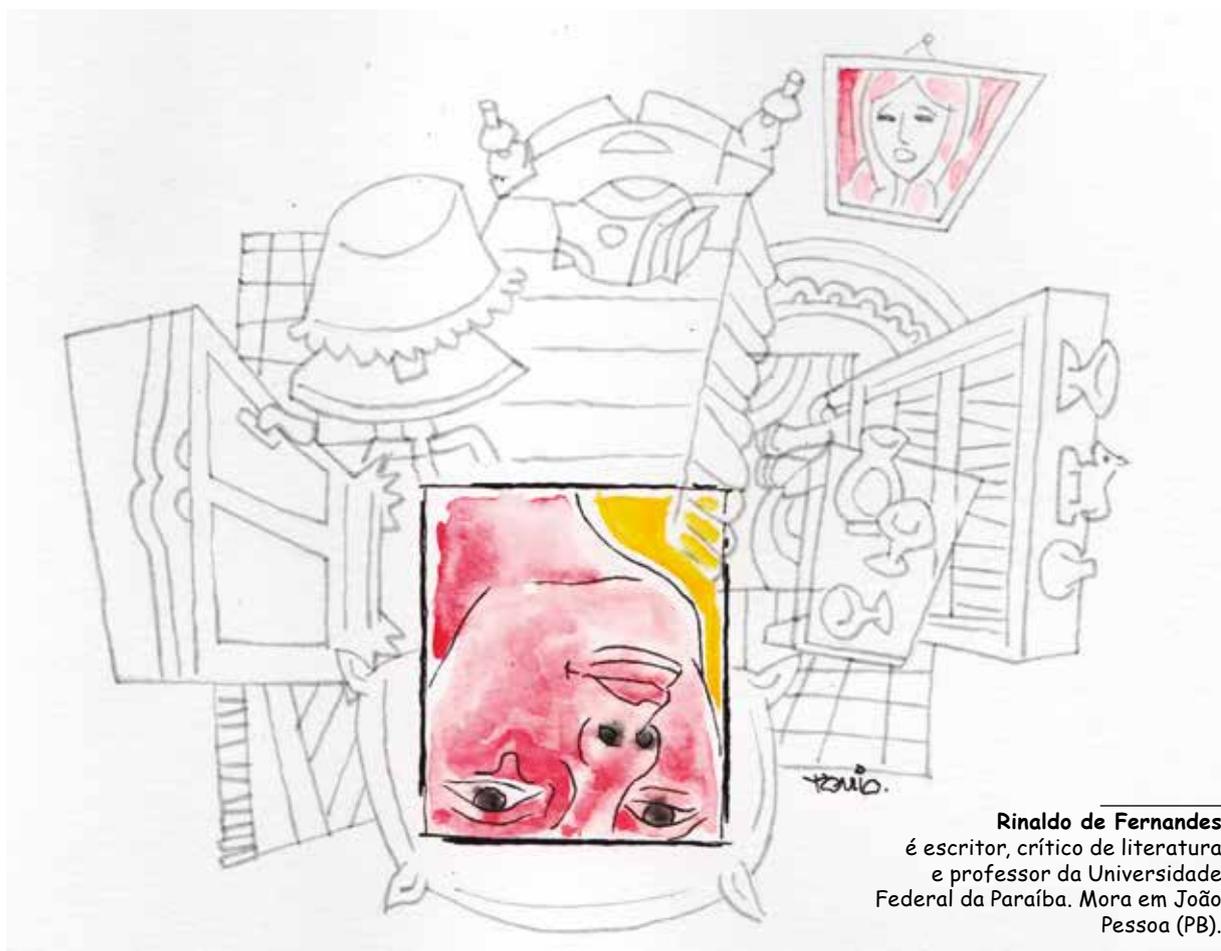
CARLOS ALBERTO JALES COSTA é natural de Natal (RN) e reside em João Pessoa (PB). Formado em Filosofia e Direito, lecionou em várias instituições de ensino superior, entre as quais a Universidade Federal da Paraíba e Universidade Católica de Pernambuco. Já publicou diversos livros nas áreas de educação e poesia. *Vindimas da solidão* (poesia) é o mais recente.



O quarto

Meu quarto é imenso. Eu nunca tinha percebido a imensidão da parede, céu de uma formiga que é mais um fiapo voado de algum vento. Eu nunca tinha visto as unhas que nasceram no pé do guarda-roupa. Uma relíquia que achei foi a gordura que inchou a maçaneta. Uma maçaneta gorda é melhor de apanhar, acomoda nos dedos duros mais languidez. Descobri algo que, por um mo-

mento, me alumbrou – um tapete pode te levar do piso para a lâmpada sem tocar na saúde do abajur. Porém um arrependimento me deita a cabeça no travesseiro – de que adianta um quarto dilatado, se do meu amor sequer restou o raso do riso, as sobrancelhas que me inqueriam no borrão das madrugadas? Este quarto é uma dor, um intento que nunca se completa. ✖



Rinaldo de Fernandes
é escritor, crítico de literatura
e professor da Universidade
Federal da Paraíba. Mora em João
Pessoa (PB).

JORNAL A UNIÃO, O ÚNICO EM SUAS MÃOS.

Há 128 anos **A União** está presente na vida dos paraibanos e é o único jornal impresso em circulação no Estado.



A UNIÃO



EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO

©SESC

CUIDA DO SEU SORRISO



Agende sua consulta.
Segunda a sexta | 07h às 19h
(83) 3241-3494 / (83) 99996-0092

